

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

MARIANA CASTRO GOMES

BECO DAS ARTES: SOCIABILIDADES E SIGNIFICADOS

NITERÓI

2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

G633b Gomes, Mariana Castro  
Beco das Artes: Sociabilidades e Significados / Mariana Castro Gomes ; Luiz Augusto F. Rodrigues, orientador. Niterói, 2018.  
73 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2018.

1. Espaço urbano. 2. Sociabilidade. 3. Revitalização Urbana. 4. Produção intelectual. I. Rodrigues, Luiz Augusto F., orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD -

MARIANA CASTRO GOMES

BECO DAS ARTES: SOCIABILIDADES E SIGNIFICADOS

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. LUIZ AUGUSTO F. RODRIGUES

NITERÓI

2018



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
COORDENAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL - GGR

### ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

#### IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO

Nome do Candidato: <b>MARIANA CASTRO GOMES</b>	Matricula: <b>018 033 082</b>
Título do Trabalho: <b>"BECO DAS ARTES – SOCIABILIDADES E SIGNIFICADOS."</b>	
Orientador(a): <b>LUIZ AUGUSTO FERNANDES RODRIGUES</b>	
Categoria: <b>MONOGRÁFICA</b>	Data da Apresentação: <b>17/12/2018</b>

#### BANCA EXAMINADORA

1º Membro (Presidente): <b>Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues</b>
2º Membro: <b>Dr. João Domingues</b>
3º Membro: <b>Dr. Flávia Lages</b>

#### AVALIAÇÃO:

Análise / Comentário

A monografia traz temas contemporâneos ao buscar entender processos de socialização, apropriação e refuncionalização de espaço urbano a partir de ações do campo da Arte e da Cultura.

A banca destacou a boa leitura do texto, e mesmo as descrições das pesquisas de campo trazidas pelo trabalho.

Resaltou-se que a monografia permite aprofundamentos e reflexões posteriores em pesquisas de pós-graduação.

Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):

9 (nove)

ASSINATURAS:

1º Membro (Presidente)

2º Membro

3º Membro

## Agradecimentos

Agradeço ao orientador Prof. Dr. Luiz Augusto F. Rodrigues pela generosidade.

À minha mãe Samara Rosie da Silva Castro, ao meu pai Wanderley Mendes Gomes e ao meu irmão Felipe Castro Gomes por terem possibilitado meu ingresso na Universidade Federal Fluminense e por acreditarem que esta etapa um dia seria concretizada.

À Luciano Leal por estar ao meu lado nos melhores e piores momentos durante todo o processo de elaboração deste trabalho.

À Profa. Dra. Tatiane Combi pela amizade e por ser inspiração para a concretude deste trabalho (que não envolve oceanos, poluentes ou noctilucas, mas envolve festas no espaço urbano).

Aos meus mestres Fabiana Amaral, Flávia Costa, Thiago Marcelino, Adriana Salomão e Steven Harper por possibilitarem meu crescimento no universo da arte.

À Companhia Afetos Sonoros e aos meus amigos Bárbara Pardo, Lucas Santana, Mariana Borges e Jordânia Galdino por compartilharem talento, risadas, potência, som, afeto, dança, funk, militância e conhecimento.

À Edna, que durante as madrugadas teve papel fundamental na descoberta dos sentidos do lugar.

## **RESUMO**

O Beco das Artes reinaugura a programação de eventos periódicos ocorridos no espaço público nos arredores da Praça Tiradentes. Com a intenção de revitalizar socialmente a Rua Imperatriz Leopoldina, são reforçados novos sentidos, estabelecidas novas regras de uso do espaço e fortalecidas novas sociabilidades.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1. ESPAÇO URBANO: APROPRIAÇÕES E LEITURAS</b>	<b>11</b>
1.1 CONFIGURAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DO ESPAÇO URBANO E SUAS PROBLEMÁTICAS	11
1.2 SOCIABILIDADES: LUGARES E NÃO LUGARES, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE	16
1.3 BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE A ETNOGRAFIA NO ESPAÇO URBANO	20
<b>CAPÍTULO 2. APRESENTANDO O OBJETO</b>	<b>24</b>
2.1 ONDE ELE ESTÁ? A PRAÇA, A RUA	24
2.2 O QUE TEM LÁ? OS BARES, O BAR, O BECO	30
2.3 O ESPAÇO SE TRANSFORMA? TARDE, NOITE, MADRUGADA	32
<b>CAPÍTULO 3: SOCIABILIDADES E APROPRIAÇÕES NO BECO DAS ARTES</b>	<b>35</b>
3.1 OS “TERMOS DE USO” DO ESPAÇO	35
3.2 TRANSFORMAÇÕES	37
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>44</b>
<i>Relatório 1 – Noite de 01/09/2018, madrugada de 02/09/2019</i>	44
<i>Relatório 2 – Noite de 15/09/2018, madrugada de 16/09/2018</i>	46
<i>Relatório 3 – Noite de 19/09/2018, madrugada de 20/09/2018</i>	52
<i>Relatório 4 – Noite de 22/09/2018, madrugada de 23/09/2018</i>	56
<i>Relatório 5 – Noite de 10/11/2018, madrugada de 11/11/2018</i>	58
<i>Relatório 6 – Noite de 16/11/2018, madrugada de 17/11/2018</i>	63
<i>Entrevista com Thadeu, pesquisador vinculado ao Observatório da Prostituição IFCS/UFRJ</i>	65
<i>Entrevista com o Nanam</i>	69
<b>ANEXOS</b>	<b>73</b>
<i>Anexo 1 – Autorização de divulgação</i>	73

## INTRODUÇÃO

Ingressei no Curso de Produção Cultural há muitos anos, em 2008. Completei 18 anos no primeiro mês do meu primeiro período na Universidade e lembro de uma matéria em especial que fazia desmoronar todas as minhas opiniões e achismos sobre o mundo ao meu redor: Teorias da Cultura. Me recordo até hoje dos primeiros nomes que me foram apresentados: Marcel Mauss (na época, meu preferido), Lévi-Strauss, Mary Douglas, Clifford Geertz. Descobri então o que é Antropologia e Etnografia e descobri também que o Corpo faz parte disso.

Meu corpo já era treinado e domesticado. Acostumado a seguir regras da Dança há 15 anos, nunca havia ousado experimentar mais do que aquilo que lhe era proposto ou mandado e não tinha consciência alguma sobre o seu posicionamento no mundo. A partir da leitura dos já citados antropólogos, meu corpo então descobriu uma dança que ia além da técnica e da expressividade bem treinada: a Dança enquanto produção humana. A Dança enquanto produção simbólica.

O Corpo. Corporeidade.

Não é de se estranhar então o encantamento que me causou ver tantas pessoas dançando no meio da rua, se esbarrando, sorrindo, suando em plena madrugada da Praça Tiradentes. Junta-se ao encantamento, o amadurecimento da minha trajetória na dança e seu direcionamento para uma proposta cada vez mais próxima de uma dança espontânea e não-domesticada. Se é que isso é possível.

Apareceu a oportunidade de retornar à Universidade e então concluir o Curso de Produção Cultural.

Nenhum dos antropólogos citados aparece no trabalho. A dança pouco é mencionada. O estudo foi para outros campos e se abriu a outros olhares, mas são estas a linha do tempo e a sucessão de novos entendimentos que me fizeram escolher o Beco das Artes enquanto objeto de pesquisa.

Minhas visitas ao Beco das Artes se tornaram frequentes mesmo antes de dar início à pesquisa. Eu não participava muito dos eventos, mas gostava de estar lá e observar o movimento, gostava de estar no ambiente enquanto tocava música e as pessoas dançavam.



Foi então a partir desta observação inicial que o trabalho começou a ser traçado.

No primeiro capítulo são apresentados os referenciais teóricos acerca do espaço urbano, suas transformações e sociabilidades. São discutidos principalmente os conceitos de espetacularização urbana e patrimonialização, bem como a higienização do espaço, gentrificação e esvaziamento de sentido consequentes de projetos contemporâneos de revitalização das cidades.

São apresentados também os conceitos de lugar e não-lugar e de que forma estes se relacionam com a construção das identidades e subjetividades, com a manutenção da diversidade, com o exercício da ética e da cidadania e com o conceito de espaço público.

Ainda neste capítulo há uma breve consideração sobre as estratégias de resistência à espetacularização das cidades e sobre as possibilidades da prática etnográfica no espaço urbano.

Já no segundo capítulo são apresentadas a história, as transformações e peculiaridades do espaço urbano em questão: Praça Tiradentes e arredores, especificamente a Rua Imperatriz Leopoldina. São discutidas as transformações ocorridas no espaço físico e a “vocalização cultural” do lugar<sup>1</sup>, considerando os atores e grupos sociais que por ali mantêm ou mantinham atividades. Aqui são descritos também os eventos promovidos pelo Bar do Nanam a partir das minhas experiências e observações em conjunto com os olhares e falas de outros frequentadores e atores do lugar.

No terceiro capítulo, os referenciais teóricos são relacionados aos fatos observados e descritos sobre o objeto em particular. São discutidos os diversos significados presentes no Beco das Artes, as ideologias e os posicionamentos, as consonâncias e divergências sobre o lugar, a corporeidade (ou corporeidades) presentes na festa.

Durante o período de investigação, foram elaborados relatórios e realizadas entrevistas. Estes estão disponíveis nos Apêndices deste trabalho a fim de possibilitar um melhor entendimento sobre o processo de descoberta do espaço e da “alma do lugar”.

As visitas foram realizadas no período entre 1/9/2018 e 16/11/2018 inicialmente com a intenção de observar a movimentação do Beco das Artes. Não foram realizadas entrevistas nas primeiras visitas, mas aconteceram conversas informais com a Edna (que trabalha no local

---

<sup>1</sup> Termo utilizado pelo poder público para fazer referência a presença de equipamentos e estabelecimentos culturais (como teatros, centros culturais e cafés literários) na área escolhida para receber o processo de revitalização realizado pelo Programa Monumenta.

vendendo caipirinhas junto com sua mãe) e com outros agentes que encontrei poucas vezes (ou somente uma vez) por lá.

Quando tomei a iniciativa de entrevistar alguns frequentadores, percebi que ali não era o melhor lugar para se realizar conversas consistentes: as pessoas estavam dançando sem parar, rodeadas de amigos e com cervejas ou caipirinhas na mão; certamente não estavam disponíveis para formalidades naquele momento.

Se as pessoas não estavam disponíveis, então eu deveria estar. Com a necessidade de obter depoimentos um pouco mais elaborados do que aqueles que eu havia conseguido até o momento, decidi abrir uma conta no *Tinder* (aplicativo de relacionamentos) e deixar evidente na descrição que eu estava realizando uma pesquisa e precisava entrar em contato com pessoas que frequentam ou frequentaram o Beco das Artes.

Tive também a oportunidade de entrevistar o Nanam – dono do Bar do Nanam, localizado à Rua Imperatriz Leopoldina- e Thadeu, pesquisador vinculado ao Observatório da Prostituição (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/UFRJ).

Foi realizada uma pesquisa de notícias veiculadas em jornais online sobre o Beco das Artes, o Bar do Nanam e sobre acontecimentos relacionados ao processo de revitalização da Praça Tiradentes e arredores. Para complementar o entendimento sobre os eventos e seus significados, foram analisadas também publicações veiculadas na página do *Facebook* do Beco das Artes-Bar do Nanam, uma vez que a programação de eventos é divulgada neste espaço.

## CAPÍTULO 1. ESPAÇO URBANO: APROPRIAÇÕES E LEITURAS

O Rio de Janeiro acabou de passar por um processo de planejamento e reorganização do seu espaço urbano no intuito de prepará-lo para receber dois megaeventos de escala mundial em seu território: a Copa do Mundo (em 2014) e os Jogos Olímpicos (em 2016).

Observa-se que este processo, obedecendo a determinadas regras estabelecidas pela geopolítica neoliberal global, acaba por gerar problemáticas ao se sobrepor às vontades da população ou às atividades, usos e logísticas pré-existentes no território em que se efetiva.

Apesar deste trabalho não ter o objetivo de se debruçar sobre os espaços criados especificamente para a funcionalidade destes dois megaeventos, compreende-se que tais mudanças podem gerar alterações em seu entorno e inclusive ter impacto na dinâmica da sociabilidade de outras regiões da cidade – ainda que não se saiba se este é mesmo o caso no objeto de investigação desta pesquisa.

Portanto, com a finalidade de inserir o Beco das Artes no contexto deste novo Rio de Janeiro produzido a partir da reelaboração dos seus espaços, torna-se necessário apresentar as facetas desta tendência contemporânea de planejamento e então verificar os pontos de distanciamento e de diálogo entre o que ocorre naquele território e o que é criticado e teorizado pelos acadêmicos que serão apresentados a seguir. Assim, torna-se possível compreender como o Beco das Artes se relaciona com a cidade e a importância das suas sociabilidades, sejam elas surgidas espontaneamente ou como resistência.

### 1.1 CONFIGURAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DO ESPAÇO URBANO E SUAS PROBLEMÁTICAS

A produção contemporânea do espaço urbano, alinhada com a ideia de *city marketing* ou cidade-empreendimento, tem priorizado a construção de grandes cenários espetaculares em detrimento de espaços que traduzam a “alma do lugar” e estimulem a sociabilidade e sua apropriação pelos viventes locais e por visitantes de maneira mais efetiva, como será discutido mais adiante.

A Cultura tem sido amplamente utilizada (ou instrumentalizada) na fabricação destes grandes cenários com o intuito de se criar uma marca ou logotipo da cidade, seja por um plano de “revitalização” do patrimônio arquitetônico histórico ou pela construção de equipamento

cultural “de grife”. O logotipo será então publicitado com o objetivo de atrair turistas internacionais e investimentos estrangeiros (JACQUES,2004).

Alguns estudiosos do urbanismo (como Fernanda Sanchez e Glauco Bienestein) têm denominado este tipo de intervenção (espetacularizada e norteada pelos preceitos do planejamento estratégico) de Grandes Projetos de Desenvolvimento Urbano (GPDU’s). Entendidos como projetos de grande escala (como o próprio nome enuncia), é fruto de parcerias público-privadas que visam o desenvolvimento (prioritariamente econômico) da cidade a partir da requalificação de parte de seu espaço urbano. Geralmente estes projetos recaem sobre áreas centrais que passaram algum tempo sem receber suficiente ou nenhum investimento público – áreas consideradas “degradadas”- ou que tenham perdido sua função com o passar do tempo, como zonas portuárias (Rodrigues, 2015).

O fato é que a implementação dos GPDU’s ao alterar o espaço urbano, altera também o espaço público. Ou seja, não impacta somente no corpo físico da cidade, mas também na dinâmica da população, nas possibilidades de apropriação do espaço, nas sociabilidades, na manutenção de relações identitárias com a cidade, na logística do ir e vir e no preço de tudo ao seu redor.

Jacques (2004) aborda a questão do planejamento urbano a partir do que a mesma chama de espetacularização das cidades e aponta que estes projetos visam a mercantilização dos centros urbanos – ou enquadramento na lógica neoliberal global – através da atratividade para investimentos estrangeiros ou para o turismo internacional. Para a autora, existem duas correntes distintas que atuam na formalização da cidade-espetáculo e que, apesar de parecerem antagônicas, são complementares: a conservadora e a progressista. Respectivamente, uma prioriza o congelamento dos espaços, outra prioriza a difusão.

Por congelamento dos espaços pode-se compreender os processos de “museificação” ou “patrimonialização” de centros históricos, estes transformados em “cidades-museu” e receptáculos de turistas. Através da reabilitação de equipamentos arquitetônicos que caracterizem o ambiente como “histórico” (sejam eles prédios, praças ou monumentos), (re)constrói-se um cenário típico do que é (ou do que já foi) o lugar. Como um verdadeiro parque-temático cujo tema não é personagens da cultura pop ou brinquedos radicais~ [ , mas sim a memória singular, visual e tradicional de determinada região impressa na paisagem.

Rogério Leite coloca que tais propostas podem ser entendidas como uma “reapropriação cultural das imagens da cidade” e visam “recriar sentidos e usos dos conteúdos e materiais do passado” (LEITE, 2002,p.115).

O autor parece ainda concordar com Paola Jacques ao afirmar que a forma de intervenção urbana a partir da revitalização do patrimônio histórico visa explorar economicamente este bem cultural, de forma que a região se torne atrativa para turistas e investimentos financeiros privados. Assim, o modelo de planejamento que torna o patrimônio cultural um “segmento de mercado” está alinhado com uma proposta de marketing urbano.

Esta afirmação pode ser exemplificada na citação a seguir, que trará especificamente do caso da revitalização da área do Recife Antigo em meados dos anos 90:

O processo de gentrification que reinventou o Bairro do Recife alterou profundamente a sua paisagem urbana, transformando-a numa espécie de “paisagem cívica” depurada (Menezes, 2002) ao deslocar para a esfera do consumo os sentidos tradicionais da história e da cultura pública. Reconstruído como nova centralidade, o Bairro teve sua memória – inscrita em seu patrimônio edificado e na vida cotidiana dos moradores mais antigos –, subsumida pelas estratégias de marketing urbano, que equipararam o antigo Povoados dos Arrecifes a um shopping center. (LEITE, 2002,119)

Por difusão dos espaços compreende-se a configuração de “espaços urbanos caóticos, geralmente periféricos ou de cidades da periferia mundial: junkspaces, cidades genéricas, cidades-shopping ou espaços terminais do capitalismo selvagem, que também são mostrados de uma forma totalmente espetacular” (JACQUES, 2004, p.23).

A esta forma de planejamento que parece beneficiar mais a neoliberalização das cidades (através de um incentivo a especulação imobiliária, propagação de shopping-centers, obras de infraestrutura urbana que acentuam ainda mais a disparidade social das grandes metrópoles) do que ao bem estar público, Faranak Miraftab designa de esquizofrenia do planejamento e argumenta que “ O planejamento enquanto uma profissão se auto enaltece por atender ao bem público, mas os planejadores profissionais frequentemente encontram-se a serviço do bem privado” (MIRAFTAB, 2016, p.365).

A este grupo de paisagens “genéricas”, junta-se ainda a “arquitetura de grife” como estratégia de requalificação urbana e fabricação de logotipo da cidade. Como exemplos, o Museu Guggenheim na cidade de Bilbao, Museu do Amanhã no Rio de Janeiro e o Caminho Niemeyer em Niterói.

Apesar da patrimonialização ter como objetivo a conservação e mercantilização de imagens singulares, tanto esta corrente quanto a corrente progressista acabam por instaurar paisagens genéricas ao obedecer a regras de adequação ao mercado (regras para a funcionalidade do *city marketing*) que pressupõe uma “cidade padrão” ou “cidade modelo”. Se todos os projetos

de reurbanização ao redor do mundo seguem as mesmas regras sem adaptá-las às particularidades locais, tem-se, na verdade, cidades singulares muito parecidas entre si (JACQUES, 2004). É um “mercado da singularidade” que na verdade atua de forma homogeneizante, muito danoso para a garantia da diversidade não só da paisagem, mas também de práticas e fazeres.

Este paradoxo da singularidade reflete as regras da própria contemporaneidade atuando sobre as formas de produção do espaço urbano:

Pela velocidade das transformações, o tempo na chamada sociedade pós-informacional marca o mespaço por um cotidiano onde a apreensão do que nos cerca fica diluída. O tempo contemporâneo caracteriza-se pela pluralidade e pela heterogeneidade, apropriados pelo capital na busca de tudo transformar para um consumo imediato. Por paradoxo, essa mesma contemporaneidade rechaça a diferença e cria formas de vida muito homogeneizadas (embora travestidas de diversidade). (RODRIGUES, 2015, p.120).

Cidades espetaculares instauradas a partir de paisagens cenográficas: conformações que convidam os sujeitos (cidadãos) a ser platéia e não protagonistas. Primazia da imagem sobre a experiência, da “passividade” sobre o “participar”, do consumo sobre as vivências:

A lógica de grandes cenários urbanos toma conta do planejamento atual. E valem enquanto cenário, valem por sua carga signífica, sua imagem... Faltam em muitos dos projetos considerarem os atores que darão vida à cena; e estou falando de protagonistas e não de meros figurantes. Senão, vira só cenário. Torna-se não-lugar, local de passagem, sem enraizamento, sem vivência. (RODRIGUES, 2013, p.85).

Quando o espaço urbano é transformado e requalificado sem que seus usos pré-existentes sejam considerados e ainda de forma não democrática (pois a população sequer é consultada sobre sua vontade), ele tende a deixar de ser praticado e passa a ser apenas um cenário construído, um espaço urbano destituído de suas sociabilidades e, portanto, de seus significados. Os indivíduos que por ali passam, de fato, apenas passam. As construções são decorativas, pois não podem ser vividas. A única forma de reverter o espaço urbano “esvaziado” é através da (re)apropriação do espaço pelos próprios cidadãos.

Qual significado poderia ter um local histórico se os habitantes locais, capazes de tornar as memórias e as tradições (e o espaço urbano) bens a serem vividos, sequer estão por lá? Será que a presença da “arquitetura de grife” no espaço urbano é suficiente para torná-la marca

identitária - mais do que um logotipo mercadológico – de um município se o monumento em si não tem relação alguma com o local e a população sequer foi consultada sobre a presença dele?

Vale ressaltar que os investimentos de cunho público-privado são justificados pelos planejadores e poder público pelo seu intuito de “revitalizar” o ambiente.

De fato, é possível que áreas urbanas anteriormente inutilizadas (ou pouco utilizadas; ou ainda utilizadas de forma “não tão interessante”) sejam reapropriadas pela população após sua revitalização, ainda que “essa forma de intervenção urbana tem contribuído para criar uma certa rotina estética de uma vida pública que, muitas vezes, é difícil se desenvolver [...]” (Leite, 2002, p.120). Pode ser que estes novos usos se aproximem dos incentivados pelos planejadores ou pode ser que se distanciem, uma vez que “como produto cultural, a cidade é sempre o resultado convergente de distintas influências formais e cotidianas” (*idem*).

O Caminho Niemeyer, em Niterói, é um exemplo de projeto de requalificação urbana que começou a ser reapropriado pelos habitantes locais, efetivando (pelo menos em parte) a revitalização do espaço. Parte da população descobriu que a área sem muitos obstáculos e o chão relativamente regular ao redor do Teatro Popular (que compõe o conjunto arquitetônico) são ideais para se andar de patins e skate. A atividade, entretanto, foi proibida por ser considerada um “uso indevido do espaço” (RODRIGUES e CORREIA, 2017).

Para Luiz Augusto Rodrigues, revitalizar “pressupõe reviver, garantir a plena “vida” do lugar: a garantia da “sua plena possibilidade de usos compartilhados pelos mais diversos agentes sociais” (2013, p.81). Revitalizar sem excluir. Revitalizar a partir da legitimação da pluralidade dos usos espontâneos. Revitalizar para todos e não para alguns a partir da expulsão de outros. Não foi o caso do Caminho Niemeyer, pelo menos não ao que se refere às suas possibilidades de uso.

Os projetos de espetacularização urbana - devido a especulação imobiliária, aumento de custo de vida, eliminação de espaços para a construção de outros ou impossibilidade de continuação de atividade comercial pré-existente - acaba por expulsar do local e do entorno mais próximo os seus habitantes iniciais.

Este fenômeno, hoje conhecido como gentrificação, é criticado e exemplificado por Miraftab (2016, p.363), que alerta vivermos hoje a era do “desterro global, seja por causa das guerras e do petróleo, seja por causa da ganância do capital imobiliário gerando espoliação e expulsão urbanas”.

Diante dos fatos apresentados, conclui-se que o planejamento urbano contemporâneo acaba por produzir espaços entendidos por Augé como não lugares. Este conceito, bem como

sua implicação no fortalecimento (ou enfraquecimento) de identidades e na manutenção de subjetividades, será exposto no subcapítulo a seguir.

## 1.2 SOCIABILIDADES: LUGARES E NÃO LUGARES, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE

A conjunção entre capital, imagem e massificação (entendida aqui como encerramento das singularidades), tão típicos da presente supermodernidade (para usar termo de Augé), caracteriza o espaço urbano contemporâneo. A necessidade do capital faz com que os espaços sejam mercantilizados e consumidos superficialmente; a necessidade da imagem faz com que espaços embelezados sejam contemplados pelo olhar passivo e “de fora”; e a massificação faz com que a diversidade de modos culturais, identidades e subjetividades sejam enfraquecidos. A produção do espaço urbano contemporâneo, portanto, parece esmaecer a potencialidade desses espaços se apresentarem como um espaço público e um lugar, este segundo Augé.

Entendido por Rogério Leite como uma “dimensão socioespacial da vida urbana” (2002, p.116), o espaço público assim se difere do conceito de espaço urbano:

A partir de Arendt (1987) e Habermas (1996;1998) gostaria de sugerir que um espaço urbano somente se constitui em um espaço público quando nele se conjugam certas configurações *espaciais* e um conjunto de *ações*. Quando as ações atribuem sentido de lugar e pertencimento a certos espaços urbanos, e, de outro modo, essas espacialidades incidem igualmente na construção de sentidos para as ações, os espaços urbanos podem se constituir como espaços públicos: locais onde as diferenças se publicizam e se confrontam politicamente.”(LEITE, 2002, p.116)<sup>2</sup>

Augé define lugar em oposição a não lugar: “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar” (AUGÉ, 1992, p.73).

Por não lugar compreende-se os lugares de trânsito, de curta permanência ou de passagem (como hotéis, moradias improvisadas, hospitais, aeroportos e meios de transporte), mas compreende-se também outros espaços que são percebidos e apropriados de forma superficial e rarefeita, que não acionam o sentimento de pertencimento nos sujeitos e onde

---

<sup>2</sup> O autor se refere aos textos A condição humana (ARENDR, 1987), *The structural transformation of the public sphere* (HABERMAS, 1996) e *Between facts and norms: contributions to a discourse theory law and democracy* (HABERMAS, 1998).



relações identitárias não são estabelecidas. A supermodernidade, prometida “à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero”, só poderia então produzir espaços prometidos às mesmas características.

Mais adiante, o autor aponta que lugar e não lugar não são categorias fixas e que não se realizam completamente a ponto de se fecharem a novas elaborações e interpretações. O não lugar pode figurar como lugar através das “ ‘astúcias milenares’ da ‘invenção do cotidiano’ e das ‘artes de fazer’ ” (AUGÈ,2002, p.74) e o contrário também se faz verdade.

Diante do que foi exposto no capítulo anterior, é possível concluir que o planejamento contemporâneo do espaço urbano é produtor, em grande parte, de não lugares:

Um dos grandes paradoxos da produção do espaço é que ele pode levar à destruição dos próprios atrativos exercidos pelos territórios. Esse risco vem sendo reforçado, pois as sociedades contemporâneas têm se caracterizado por sociedades de consumo, regidas pelos preceitos do mercado, do lucro. Criam-se, assim, locais que não se constituem como territórios devidamente apropriados, não se constituem como “lugares”. Criam-se locais artificiais, cuja infra-estrutura pode ser muito boa, mas que são locais indiferentes à região” (RODRIGUES ,2013,p.82)

Os “atrativos exercidos pelos territórios” podem ser compreendidos como “a cultura do lugar”, que não vem ganhando a merecida e necessária atenção dos projetos de revitalização e demais políticas públicas, como já foi mencionado.

Se os espaços espetacularizados não traduzem a princípio “a cultura do lugar”, é possível que esta figure nos espaços opacos – em contraponto aos espaços luminosos -, nas sociabilidades estabelecidas no cotidiano e no acontecer da vida ordinária, portanto, não-espetaculares; nas atividades que surgem espontaneamente do “estar junto desinteressado” e da experiência da cidade.

Esta concepção de cultura corresponde não apenas às práticas culturais e expressões tradicionais e artísticas, mas também aos desejos e necessidades de grupos e sujeitos. De **diferentes** grupos e **diferentes** sujeitos. Sendo a partir do encontro dos diferentes que identidades e subjetividades são formadas e fortalecidas é na vivência plena do espaço público que se tem a garantia da diversidade cultural, do direito à prática da cidadania e do exercício da ética. (RODRIGUES,2013).

Diversidade Cultural pode ser compreendida como diversidade de práticas e saberes, diversidade de referenciais imaginários e expressões simbólicas – caminhando na contramão da massificação característica da modernidade. Diversidade Cultural se conecta a uma ideia de

diferentes desejos, sentimentos e elaborações sobre o mundo (ou sobre como deveria ser o mundo), tópicos estes abarcados no entendimento sobre ideologia de Slavoj Zizek:

A ideologia [...] é uma construção de fantasia que serve de esteio à nossa própria “realidade”: uma ilusão que estrutura nossas relações sociais reais e efetivas e que, com isso, mascara um insuportável núcleo real impossível[...]. A função da ideologia não é oferecer-nos uma via de escape de nossa realidade, mas oferecer-nos a própria realidade social como uma fuga de algum núcleo real traumático. (RODRIGUES, 2013, p.78)

De acordo com Luiz Augusto Rodrigues, a sociabilidade - ou “relações sociais reais e efetivas”, como na citação acima - deve ser norteada pela ideia de “relações éticas e dialógicas” tanto nos espaços privados quanto nas apropriações e interações que ocorrem no espaços públicos - considerando que este deva ser um espaço possível de ser vivido e experimentado pelos diferentes sujeitos e grupos que compõem uma sociedade (2013, p.79):

A Ética, por sua vez, deve ser entendida por sua vinculação ao pleno exercício do Eu em sua busca de felicidade e em consonância com a percepção de que esta plenitude, necessariamente, incorpora o Outro; ética como elemento estruturante de relações sociais baseadas nos níveis de confiança e coesão social interna aos grupos e destes com outros grupos e instituições. Ética como capital social, como a arte do conviver, com liberdade e responsabilidade para deliberar em conjunto com outros sujeitos a nossa melhor forma de bem viver. Pressupõe reconhecer o outro e os comportamentos, as intenções, valores, conhecimentos que compõem o meio social, e a capacidade de interagir em outros meios (RODRIGUES,2013, p.79)

A prática da cidadania pressupõe a prática do espaço público, portanto o encontro com o outro. Como então exercer o direito à prática da cidadania em uma cidade desencarnada, onde as sociabilidades se dão cada vez mais no âmbito privado e onde não se encontra este outro?

Para que haja uma deliberação coletiva sobre a cidade, é necessário que diferentes sujeitos conheçam e vivenciem coletivamente a cidade. Não é, entretanto, o que parece acontecer de forma predominante na contemporaneidade, época em que assiste-se “a uma hiperpolitização estatal e uma despolitização da vida cotidiana” (como apresenta Luiz Augusto Rodrigues através do pensador português Boaventura de Sousa Santos).

Paola Jacques, em Corpografias Urbanas, afirma que a espetacularização das cidades atua diretamente na redução “tanto da participação cidadã quanto da própria experiência corporal das cidades enquanto prática cotidiana, estética ou artística no mundo contemporâneo” (JACQUES,2008).

A autora aponta ainda para uma “relação inversamente proporcional entre espetáculo e participação popular”: “quanto mais espetaculares forem as intervenções urbanísticas nos processos de revitalização urbana, menor será a participação da população nesses processos e vice - versa”. Da mesma forma, quanto mais passivo for o espetáculo construído, mais a cidade se torna apenas um cenário

Estes processos de esvaziamento das cidades – esvaziamento de (determinados) sujeitos, (determinados) corpos, sentido e participação cidadã – encontram resistência nos próprios atos de se habitar e praticar os espaços urbanos, exemplificados aqui pelas errâncias urbanas (JACQUES, 2008) e pelas práticas insurgentes (MIRAFTAB, 2016).

As errâncias são experiências sensório-motoras da cidade são um ato de micro-resistência à espetacularização urbana contemporânea. Se o corpo produzido pelos espaços espetaculares é caracterizado como “corpo mercadoria” e “corpo imagem”, o corpo praticante das errâncias (e produzidos por elas) é “ordinário, vivido e cotidiano”. Neste mesmo sentido, se o “estar” nos espaços espetacularizados privilegia as imagens e portanto, a visão, o estado da errância (ao percorrer espaços menos espetacularizados) privilegia o movimento e a experiência, estimulando outros sentidos e percepções que não as imagéticas (JACQUES, 2008).

A síntese da interação do corpo ordinário com corpo da cidade é chamada por Paola Jacques de corpografia urbana: a inscrição da experiência da cidade vivida no corpo do errante ou habitante.

Esta corpografia pode ser observada nos gestos e movimentos destes mesmos sujeitos e seu estudo mais aprofundado seria capaz de revelar quais foram os caminhos percorridos na cidade e que deixaram resquícios e impressões nestes mesmos corpos. Não apenas o corpo do errante é modificado, como também o corpo da cidade: as errâncias, enquanto práticas subjetivas e singulares, atualizam o projeto urbano ao percorrerem caminhos, desvios e atalhos que existem para além (ou apesar) daquilo que foi projetado. As corpografias, portanto, “revelam ou denunciam o que o projeto urbano exclui, pois mostram tudo o que escapa ao projeto espetacular, explicitando as micro praticas cotidianas do espaço vivido, as apropriações diversas do espaço urbano que não são percebidas pelas disciplinas urbanísticas mais hegemônicas” (JACQUES, 2008, p.).

“Disciplinas urbanísticas hegemônicas” tendem a se dizer inclusivas ao estimularem a participação da população nos processos de planejamento sob a forma de organizações sociais

sancionadas e selecionadas pelo Estado e por instituições e corporações de alto poder. Entretanto, na conjuntura neoliberal contemporânea onde “a inclusão é um alibi para a exclusão”, faz-se necessário apontar também para a “falência do planejamento inclusivo liberal”(MIRAFTAB,2016), compreendendo ainda que “participação é um conceito que pode ser manipulado ideologicamente” (RODRIGUES, 2013).

Faranak Miraftab estabelece dois conceitos sobre as organizações sociais: espaços convidados e espaços inventados. Os primeiros são as organizações e formas de ação dos cidadãos sancionadas e selecionadas pelo Estado (como indicado no parágrafo anterior), e os segundos são as “insurreições e insurgências que o Estado e as corporações sistematicamente buscam colocar no ostracismo e criminalizar” (MIRAFTAB, 2016, p.368)

As insurgências (insurreições, práticas insurgentes, espaços inventados) colocam em prática o ideal de cidadania baseado na autodeterminação em oposição àquele baseado na representação, apresentando assim “uma mudança na perspectiva que valida a ação direta coletiva de cidadãos e que volta-se da democracia representativa para a democracia participativa” (MIRAFTAB, 2016, p.368):

“[...] na democracia participativa, os cidadãos reconhecem a inadequação dos direitos formais e não incubem a outros advogar por seus interesses, mas, ao contrário, tomam parte diretamente e formulam decisões que afetam suas vidas. A democracia participativa conseqüentemente promove uma forma de cidadania que é multi-centrada e que tem múltiplas atividades, incluindo os cidadãos e suas ações sociais diretas” (MIRAFTAB, 2016, p.368)

Apesar de um aparente esvaziamento das cidades, entende-se que arranjos sociais são necessários e intrínsecos à vida cotidiana. Relações são estabelecidas na vida profissional, nas trocas comerciais, no âmbito familiar, na vizinhança próxima e nos momentos de lazer. Este funcionamento ordinário da cidade e suas sociabilidades, que não ocorrem a princípio nos lugares espetaculares, podem ser verificados, compreendidos e analisados através da etnografia urbana, mais precisamente de uma etnografia “de perto e de dentro” que será tratada no capítulo a seguir.

### 1.3 BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE A ETNOGRAFIA NO ESPAÇO URBANO

Algumas das elaborações teóricas e percepções sobre a cidade apresentadas nos itens anteriores podem ser lidas como próximas de um olhar que José Magnani (2002) caracteriza

como “de longe e de fora”: ao considerar os fenômenos de ordem macro como definidores da dinâmica da cidade, deixam de lado os aspectos de ordem micro, os aspectos que estão “escondidos” e que se estabelecem através dos arranjos sociais necessários e intrínsecos a diferentes esferas da vida dos habitantes. Para que estes arranjos se tornem visíveis e sejam compreendidos, é necessário o uso de uma “perspectiva de perto e de dentro, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos” (MAGNANI, 2002, p.17).

Sendo o objeto da antropologia a “questão do outro” (AUGÉ, 1992), como se daria um estudo etnográfico no espaço urbano próximo cujo objeto de análise não é mais aquele outro pertencente a uma sociedade distante, mas sim um outro que partilha de muitas referências com o próprio pesquisador?

Marc Augé (1992), ao tratar de uma volta do olhar dos antropólogos europeus ocidentais para sociedades próximas (em detrimento daquelas sociedades ditas “exóticas” ou distantes, obviamente usando como referencial a própria sociedade europeia), apresenta uma postura positiva em relação a esta modalidade de pesquisa antropológica e utiliza a própria natureza da etnografia para justificá-la. De acordo com o autor, o etnólogo “Tenta, por si mesmo e pelos outros, saber do que pode pretender falar quando fala daqueles a quem falou. Nada permite afirmar que esse problema do objeto empírico real, de representatividade, se coloque de modo diferente num grande reino africano e numa empresa da periferia de Paris” (AUGÉ, 1992, p.18)

Merleau-Ponty (1984, pp.199-2000), segundo citado por Magnani (2002, p.16), parece estar de acordo com a possibilidade de uma “etnografia do próximo” (AUGÉ, 1992) e ressalta que esta atividade “exige nossa própria transformação. Assim, também viramos etnólogos de nossa própria sociedade, se tomarmos distância com relação a ela”.

A necessidade da etnografia de “isolar unidades de observação controláveis por nossos métodos de investigação” (MAGNANI, p.17), conduz até a conclusão de que a etnografia no espaço urbano contemporâneo não seria inicialmente uma antropologia **da** cidade – na impossibilidade desta ser lida como um todo homogêneo - mas sim uma etnografia **na** cidade: cada prática deve ser compreendida individualmente, partindo dos recortes e caminhos estabelecidos pelos próprios atores sociais. O espaço (ou território) onde a prática em questão se desenvolve deve ser analisada durante a investigação como elemento constituinte e, por vezes, definidor de tal prática e não apenas um cenário decorativo para que ela aconteça (MAGNANI, 2002).

Entretanto, na intenção de evitar “reproduzir no plano de um discurso interpretativo a fragmentação pela qual as grandes metrópoles são muitas vezes representadas na mídia” (idem, p.18), é necessário “partir de uma ideia de totalidade como pressuposto” durante o estudo etnográfico. Desta forma, compreende-se que o comportamento dos atores sociais apresenta padrões e regularidades (“ordenamentos particularizados”), o que não significa que a cidade se constitua como uma totalidade homogênea, um “todo orgânico, funcional, sem conflitos” (idem).

As práticas (usos, apropriações) do espaço urbano devem ser analisadas nem tão “de perto” - a ponto de a experiência ser confundida com o olhar particular de cada ator social - e não tão “de fora” - a ponto de a prática se tornar visível apenas superficialmente, escondendo sutilezas e conflitos. O resultado do estudo etnográfico, é portanto, uma síntese do cruzamento de uma totalidade “vivida pelos atores sociais” com a forma como ela é “percebida e descrita pelo investigador”. (idem, p.19). Sobre o pressuposto da totalidade aplicado no estudo etnográfico, José Magnani afirma:

“Assim, uma totalidade consistente em termos da etnografia é aquela que, experimentada e reconhecida pelos atores sociais, é identificada pelo investigador, podendo ser descrita em seus aspectos categoriais: para os primeiros, é o contexto da experiência, para o segundo, chave de inteligibilidade e princípio explicativo. Posto que não se pode contar com uma totalidade a priori, postula-se uma a ser construída a partir da experiência dos atores e com a ajuda de hipóteses de trabalho e escolhas teóricas, como condição para que se possa dizer algo mais que generalidades a respeito do objeto de estudo”. (MAGNANI,2002, p.20)

Esta totalidade - vivida pelos atores e reconhecida pelo investigador- está inserida na ideia de *pedaço*: um recorte do espaço urbano praticado que “supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles” (idem, p.20).

Esta é uma categoria que foi estabelecida a partir de um estudo das sociabilidades na periferia de São Paulo – cujo contexto é a vizinhança- , mas que será utilizada como instrumento teórico neste trabalho “na sua versão adaptada” pelo próprio autor para regiões centrais das grandes cidades:

“Em outros pontos, porém, usados principalmente como lugares de encontro e lazer, havia uma diferença com relação à ideia original de pedaço: aqui, diferentemente do que ocorria no contexto da vizinhança, os frequentadores não necessariamente se conheciam – ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro- mas sim se *reconheciam* como portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes.” (idem, p.22)

A região central em questão neste trabalho é o Beco das Artes: lugar de encontro, bate-papo e festa situado na Praça Tiradentes, na cidade do Rio de Janeiro.

## CAPÍTULO 2. APRESENTANDO O OBJETO

Este trabalho se propõe a desvendar e analisar as sociabilidades estabelecidas no então chamado Beco das Artes, situado pelos arredores da Praça Tiradentes. O endereço exato do Beco das Artes seria a Rua Imperatriz Leopoldina, no entanto, ainda não foi investigado se o Beco e a Rua são duas ideias distintas que ocupam o mesmo espaço físico, se são exatamente a mesma ideia com nomes diferentes ou ainda se o Beco fica em uma parte específica da Rua, como uma festa que acontece em um determinado endereço.

No entanto, antes de entrarmos em questões subjetivas, penso ser necessário apresentar as questões mais objetivas relacionadas ao objeto de estudo: o espaço geográfico, a história do espaço, equipamentos situados pela região e sua funcionalidade.

Parto agora para a escrita em primeira pessoa, pois quanto mais perto o texto se aproxima do objeto, mais perto ele está da minha experiência enquanto pesquisadora desta porção do espaço urbano.

### 2.1 ONDE ELE ESTÁ? A PRAÇA, A RUA

A Praça Tiradentes está situada na região central da cidade do Rio de Janeiro, próxima à Lapa, ao Largo da Carioca e ao grande conjunto de estabelecimentos comerciais conhecido como SAARA.

De acordo com documento divulgado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro<sup>3</sup>, a região teve importância no desenvolvimento econômico da cidade constituindo-se como ponto de trocas comerciais por estar no caminho entre o cais do porto e a então zona rural nos primeiros séculos da colonização. Nesta época, a região era chamada de Róssio Grande (também é encontrada a escrita “Rócio”), que significa “roça abandonada”.

A partir da chegada da Corte Real Portuguesa em 1808, a região recebeu equipamentos culturais e se desenvolveu com este mesmo caráter no decorrer do século XIX, sendo até o início do século XX a região que abrigava a maior parte dos teatros cariocas. Foi também no local onde a dramaturgia brasileira floresceu e onde festividades populares, como o carnaval e o circo, encontraram seus caminhos.

---

<sup>3</sup> [http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/proj\\_revitalizacao\\_pcatiradentes.shtm](http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/proj_revitalizacao_pcatiradentes.shtm)



Espetáculos de teatro, cafés, a academia de belas artes e festividades particulares passaram a ser ponto de encontro para os habitantes interessados em cultura e lazer da cidade, na época, aqueles que detinham grande poder.<sup>4</sup>

A Praça já foi conhecida por diversos nomes, alguns deles com explicações diretamente ligadas à história colonial do país, como Campo dos Ciganos e Praça da Constituição. O primeiro foi devido à ocupação da região por grupos ciganos quando estes foram expulsos de Portugal. Já o segundo foi devido à ascensão de D. Pedro I ao cargo de Príncipe Regente, uma vez que foi no Teatro Real São João, situado na Praça, onde D. Pedro jurou fidelidade à Constituição.

A Praça só ganhou seu nome atual em 1892, na ocasião do centenário da morte de Tiradentes, líder da Inconfidência Mineira.

A herança portuguesa é evidente na Praça e em seus arredores. Por ali encontram-se as ruas Imperatriz Leopoldina e Luís de Camões, o Real Gabinete Português de Leitura (inaugurado pela Princesa Isabel em 1887 e situado à Rua Luís de Camões<sup>5</sup>) e o Monumento à D. Pedro I (o monumento central da Praça, inaugurado por D. Pedro II em 1862).

Hoje, a Praça Tiradentes ainda conta com equipamentos culturais em funcionamento e algumas festividades abertas ao público que ocorrem no seu espaço – algumas mais institucionalizadas do que outras, ou mais “convidadas” do que outras, para usar termo de Faranak Miraftab.

Os principais equipamentos culturais são: Teatro João Caetano (Teatro Real São João, na época de D. Pedro I), Teatro Carlos Gomes, Centro SEBRAE de Referência ao Artesanato Brasileiro, Centro Carioca de Design e Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, este situado na Rua Luís de Camões.

O Teatro João Caetano e o Teatro Carlos Gomes, apesar de não estarem em perfeito estado de conservação tanto para o uso do artista quanto para a plateia, ainda estão em funcionamento e abrigam espetáculos de teatro e dança importantes para vitalidade e pluralidade cultural do Rio de Janeiro.

Há também pontos de encontro e festividades: Centro Cultural Carioca (ou Dança CCC), onde ocorre aulas de dança e algumas festas de pequeno porte, Espaço Acústica (boate voltada para o público LGBT) e um casarão na calçada oposta onde sempre tem uma festa acontecendo. No prédio de número 79, até 2017, funcionava a Gafieira Estudantina, local

---

<sup>4</sup> [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColReg\\_RecuperacaoImoveisPrivadosCentrosHistoricos\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColReg_RecuperacaoImoveisPrivadosCentrosHistoricos_m.pdf)

<sup>5</sup> <http://www.realgabinete.com.br/portalWeb/>

tradicional do estilo de dança, tombado em 2012 e que estava com suas portas abertas desde 1942.

As festas a céu aberto no interior da Praça ocorrem com certa regularidade. Não são, em sua maioria, atividades espontâneas ou festejos populares, mas sim festas organizadas por instituições ou locais culturais.

O principal evento é o Tiradentes Cultural. Uma festa a céu aberto, gratuita, adequada para crianças e organizada por centros e espaços culturais do entorno da Praça. A Festa ou Ocupação acontece todo primeiro sábado do mês, sendo a próxima edição no dia 1º de Dezembro. O evento previsto para a data está vinculado ao Programa Cultura+Diversidade da Prefeitura do Rio de Janeiro, o que evidencia a característica de “espaço convidado” da ocupação.<sup>6</sup> Outras edições contaram com o apoio institucional da Prefeitura, como a edição junina, mas não sei precisar se o apoio ocorre em todas.

Não é, de fato, uma festa com barraquinhas de comida a preços populares, o próprio evento divulga o acontecimento de uma feira gastronômica (com a participação de produtos “*gourmet*”): “a ocupação na praça é formada por programação cultural + feira gastronômica + CRIA (feira de arte, cultura e design)”. A programação cultural, no entanto, é gratuita e diversificada.

Há, entretanto, certo evento que ocorria com regularidade mas que foi impedido de voltar a acontecer pelo poder público por “motivos de segurança”, por assim dizer. É o caso da roda de samba Pede Teresa, que parece ter sido obrigada pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro a encerrar suas atividades de forma na Praça Tiradentes. Uma das últimas edições foi no dia 20 de outubro de 2017, quando a PM interviu de forma direta no acontecimento do evento. De acordo com matéria veiculada pelo Jornal O Dia, já estava tudo preparado para a montagem do evento quando a PM proibiu seu acontecimento alegando que a movimentação da Roda tornava o lugar mais perigoso, uma vez que levava “muito problema para a região, em relação a assalto”. A abordagem policial aparece nas notícias em duas datas, 28 de julho de 2017 e 20 de outubro de 2017, a primeira sendo aproximadamente 10 dias depois de a Prefeitura do Rio de Janeiro publicar o decreto liberando as rodas de samba de alvará para seu acontecimento. A Roda de Samba Pede Teresa ainda realiza shows em diversos outros locais da cidade e em estabelecimento fechados, como bares e casas noturnas. Vale ressaltar que a

---

<sup>6</sup> Outras edições contaram com o apoio institucional da Prefeitura, como a edição junina, mas não sei precisar se o apoio ocorre em todas. Toda a programação da Ocupação Tiradentes Cultural está disponível em:

[https://www.facebook.com/pg/tiradentescultural/events/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/tiradentescultural/events/?ref=page_internal)

proibição do acontecimento da Pede Teresa coincidiu com outras ações proibitivas do poder público em relação a eventos abertos ocorridos no espaço público, como os eventos na Praça São Salvador, em Laranjeiras, e a tentativa frustrada de impedir um ensaio do bloco Tambores de Olokun no Aterro do Flamengo.

Não tenho conhecimento de outras festas que aconteçam com regularidade na Praça, mas não posso deixar de acrescentar certo “acontecimento espontâneo” ocorrido no dia 16 de novembro de 2018 (trecho presente também no Relatório n.6).

Era aproximadamente 2h quando um grupo de artistas andando a perna-de-pau e tocando música brasileira do estilo “axé-anos 90” chegou à Praça Tiradentes. Surgiram frequentadores e vendedores ambulantes, não sei se acompanhando o cortejo durante seu trajeto ou se depois da festa já ter se instalado. Minha hipótese é de que era um ensaio pré-carnaval, talvez vindo da Lapa. Eu tinha passado pelo local há aproximadamente 40 minutos (para chegar ao Beco das Artes) e a Praça estava como de costume: vazia no centro, com pequenos agrupamentos de pessoas nas extremidades, próximos aos estabelecimentos que promovem as festas noturnas.

A história recente da Praça é caracterizada por modificações e interferências no seu espaço, sempre no intuito de “devolver a Praça aos habitantes da cidade” ou de “preservar o patrimônio da cidade”. Esses processos, deve-se acrescentar, estão distantes de ter a mesma magnitude das obras realizadas na Praça Mauá, não tendo o mesmo impacto na paisagem e não alterando a configuração espacial da Praça em si.

A Praça como a conhecemos hoje é resultado das ações do Programa Monumenta, realizado através de parceria entre a Prefeitura do Rio de Janeiro, o Ministério da Cultura e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). A Praça foi reinaugurada em 2011, durante o governo do então prefeito Eduardo Paes. A revitalização na Praça Tiradentes teve como objetivo o embelezamento e requalificação das construções já existentes e mudança de perspectiva sobre as possibilidades de uso do local. Apesar do Programa ter possibilitado a reinauguração de diversos novos espaços e a restauração de prédios e fachadas em mau estado de conservação, uma das principais questões parece ser a retirada das grades que cercavam a Praça, impossibilitando o livre acesso àquela parcela de espaço urbano.

As grades foram instaladas no início da década de 90 durante a gestão do prefeito Marcelo Alencar e de acordo com notícias veiculadas no ano de 2011, há controvérsias sobre a sua necessidade e importância, principalmente sobre o seu papel em manter fora da praça alguns moradores de Rua durante a noite.

Além da presença de equipamentos e estabelecimentos culturais na Praça Tiradentes e sua evidente importância histórica, há outro significado ali instaurado aparentemente indesejado pelo poder público: os arredores da Praça Tiradentes ainda são lugares caracterizados pela presença de prostitutas. Inclusive foi na Praça onde a grife Daspu, criada pela ONG Davida, lançou sua primeira coleção de roupas, numa espécie de passarela-manifesto. De acordo com Gabriela Leite, um dos maiores nomes na luta pelo direito das prostitutas no Brasil, foi na própria Praça Tiradentes que a grife Daspu surgiu. A marca voltou a realizar desfiles em 2007 e 2010, portanto, antes da finalização das obras do Programa Monumenta. Em 2007, o desfile ocorreu de forma proposital durante a temporada do evento Fashion Rio, concomitante ao desfile da Colcci, o que demonstra não apenas a irreverência da marca, mas um posicionamento político enquanto empresa do ramo da moda. O desfile Daspu teve a participação também do Bloco Carnavalesco Prazeres da Vida, já, na época, no seu segundo ano de atividades. O movimento social de luta aos direitos das prostitutas, mesmo quem em breve período, teve protagonismo na região da Praça. No Largo de São Francisco, no IFCS da UFRJ, é localizado o Observatório da Prostituição, projeto de extensão do Laboratório de Etnografia Metropolitana –Le Metro/IFCS-UFRJ. Em dezembro de 2017, o Laboratório, em parceria com outras instituições, promoveu a exposição O que você não vê, “a prostituição vista por nós mesmas”. A exposição apresentava fotografias de autorias das prostitutas e ficou aberta até fevereiro de 2018, ano em que se comemora os 30 anos do Movimento Brasileiro de Prostitutas.

De acordo com entrevista com Thadeu, pesquisador vinculado ao Observatório da Prostituição do IFCS, Eduardo Paes fez de tudo para desmobilizar e remover as prostitutas da Praça Tiradentes. Segue trecho do texto elaborado por mim a partir da conversa com o entrevistado, inserido como Apêndice ao final do trabalho:

Por volta de 2008 e 2009, o QG de Davida se mudou para o Hotel Paris. Lá foi criado um centro de militância da prostituição cuja pauta incluía sua descriminalização. Era um foco controlado pelas próprias prostitutas, onde elas tinham poder ou comando sobre seu trabalho. Entretanto, em 2011 o Hotel foi ocupado pelo poder público que tratou de expulsar a Davida e as prostitutas. A justificativa era a de que o dono do Hotel estava devendo impostos, mas isso já fazia aproximadamente 20 anos. Então, por que agora? A compra ou a construção do novo Hotel proposto para o lugar nunca foi concretizada.

A partir deste ano, os hotéis ou motéis mais tradicionais da prostituição foram sendo fechados pelo governo Eduardo Paes. Os motivos eram daqueles conhecidos por não fecharem de fato estabelecimentos: “Ah acharam uma barata na cozinha! Ah por que não tem saída de emergência”.

Vale ressaltar que, em matéria do Jornal O Globo, de agosto de 2012, são dadas informações sobre o valor da compra do estabelecimento e dos novos preços propostos para os aluguéis dos quartos, que podem sugerir uma tentativa de higienização e gentrificação da região:

“Um investimento de R\$ 10 milhões, que inclui a compra do imóvel e as obras de restauração e modernização, fará com que a velha construção neoclássica de 1902, decadente após anos de abandono, ressurgirá em toda a sua beleza após um retrofit.[...] A bagatela de R\$ 15 por 30 minutos de uso (da época em que o hotel alugava quartos para prostituição) sofrerá um reajuste de preço à altura do empreendimento estrelado: as diárias ficarão entre R\$ 690 e R\$ 2.300 (na suíte Paris). Mas, em homenagem à história da região, o Le Paris terá uma suíte rotativa, que já ganhou até nome: Delícia.”

( O Globo, 28 de agosto de 2012)

Observa-se que o Hotel Paris foi ocupado pelo poder público em 2011, mesmo ano de reinauguração da Praça Tiradentes após as obras de revitalização.

As reflexões acerca da atividade da prostituição pelos arredores da Praça conduzem os olhares para a Rua Imperatriz Leopoldina. Se hoje a rua é conhecida como Beco das Artes pelos frequentadores mais novos, há poucos anos (e ainda assim é chamada pelos frequentadores mais antigos) era conhecida como Beco das Putas devido a marcante presença de prostitutas no local.

Nos andares de cima do prédio onde fica o Bar do Nanam funcionava um puteiro. De acordo com a ex-frequentadora<sup>7</sup> Marina, era um lugar com ótimas poesias e desenhos rabiscados nas paredes. Era exatamente neste prédio que Gabriela desejava ver funcionando um espaço de segurança para as prostitutas.<sup>8</sup> Para além da esquina, já na Rua Luís de Camões, ficavam outros prostíbulos e hotéis.

De acordo com o Thadeu, alguns fatores foram decisivos para o fechamento dos hotéis e prostíbulos da região: a intenção de Eduardo Paes de higienização dos espaços, as obras para os mega eventos e a chegada da acentuada crise do Estado. Mas o pesquisador acredita que o impacto teria sido menor se Gabriela Leite não tivesse falecido no ano de 2013 em decorrência de um câncer.

A Imperatriz Leopoldina é uma rua estreita de paralelepípedos e calçadas de pedras portuguesas. Bem iluminada. A Rua começa na Praça Tiradentes, em frente a estação do VLT e segue até a recém revitalizada Travessa Belas Artes. Entretanto, aqui será considerado que a

---

<sup>7</sup> Ver relatório 5, Apêndices

<sup>8</sup> Entrevista com Thadeu, Observatório da Prostituição, Apêndices

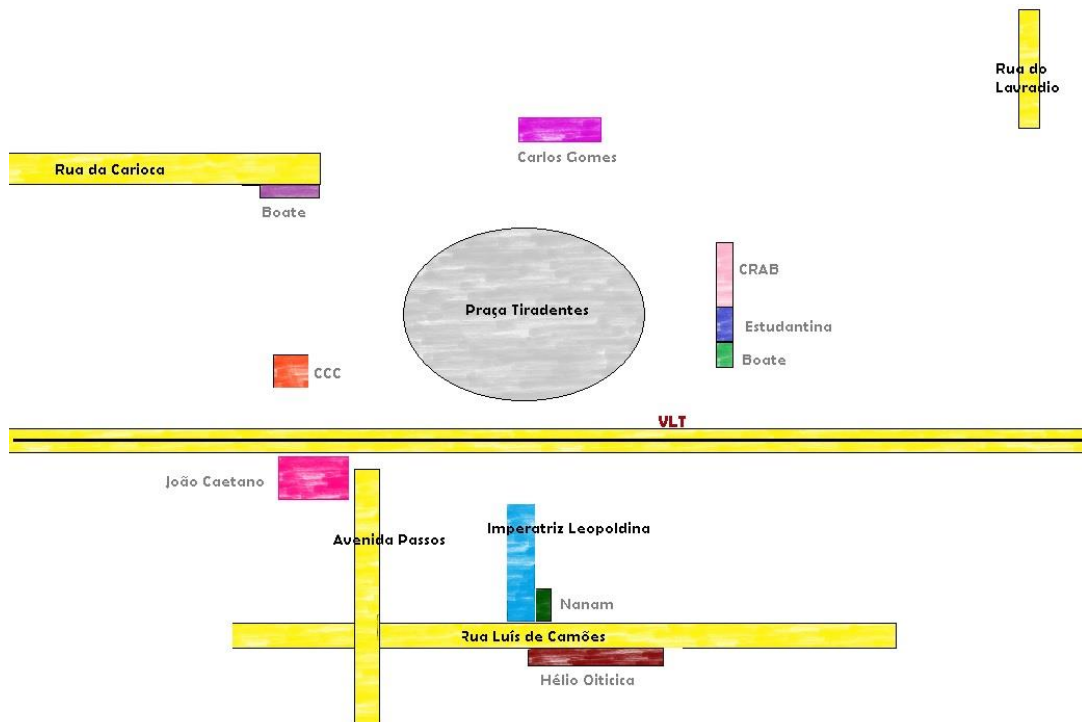
Rua acaba nas grades que separam a Travessa do restante da rua, já que os pedestres e os frequentadores são impedidos de atravessá-las.

## 2.2 O QUE TEM LÁ? OS BARES, O BAR, O BECO

A Rua Imperatriz Leopoldina tem quatro bares em funcionamento: Boteco da Praça, Bar Imperatriz, BDP e Bar do Nanam.

O Boteco da Praça fica na esquina da Rua Imperatriz Leopoldina com a Praça Tiradentes e funciona 24 horas. Vende salgados (como coxinha e italiano), serve almoço executivo, sobremesa, café e tem um extenso cardápio. O fato de funcionar 24 horas acaba atraindo frequentadores para a Rua Imperatriz Leopoldina durante a madrugada. É o maior bar da Rua: seu espaço interno é consideravelmente maior que o dos outros e dispõe de muitas mesas e cadeiras arrumadas na calçada.

Ao lado fica o Bar Imperatriz, frequentado por jovens universitários em sua maioria. É um bar relativamente pequeno, com uma caixa de som na calçada. As músicas variam de Raul Seixas a Raça Negra, de Lady Gaga a Linkin Park. É também conhecido por tocar funk.



O BDP, assim como o Boteco da Praça, dispõe de mesas e cadeiras na calçada da rua.

O Bar do Nanam é localizado no final da Rua, na esquina da Imperatriz Leopoldina com a Luís de Camões. Tem as paredes externas grafitadas e é o principal apoiador dos eventos que

ocorrem lá. Não disponibiliza muitas mesas ou cadeiras para seus frequentadores. O bar fica bem pouco movimentado até a hora do evento começar, mas concentra o maior movimento durante a madrugada.

A arrumação do palco começa tarde, por volta de 23h. Um palco improvisado é montado na calçada do Bar do Nanam e ali acontece a passagem de som, o show e também é onde o DJ fica.

As vezes o evento conta com música ao vivo e tem a característica de show, as vezes conta somente com DJ's e é caracterizado como festa.

As atrações musicais dos eventos são diversificadas. Às quartas-feiras acontece há mais de um ano o mesmo evento dedicado ao estilo Jazz, coordenado pelo Guga Pellicciotti e pelo Rodrigo Cavalcanti, mas nos outros dias da semana os eventos variam, podendo ser um show de Reggae ou uma festa/baile Funk.

Com o intuito de exemplificar a variedade musical, segue os eventos do período entre os dias 8/11 e 30/11, com o estilo musical predominante do evento indicado ao lado: Quinta Reggae Radiola Visto Rasta (8/11, Reggae), Baião da Rua Amargô e DJ Juan Motta (9/11, Forró, evento cancelado), SEED- Synstestic Eletronic Eventually Diagnosed (10/11, música eletrônica), Jazz no Beco (14/11, Jazz), Baile Shock (16/11, Funk), Bass Paradise (17/11, Trap, Dubstep, rap, rap nacional, funk carioca), After não oficial da Dona Onete (18/11, Carimbó), Samba Tá com Tempo?! 365 Dias de Consciência Negra (20/11, Samba), A Gira (23/11, música afro-brasileira), Real Bass Music 006 (24/11, Trapfunk, Bass), Jazz no Beco (28/11, Jazz), Sexta Tropical (30 /11, Salsa, Cumbia, Carimbó, Guitarrada, Reggaeton).

A listagem evidencia a predileção por determinados estilos musicais, mas também evidencia a ausência de outros: em 12 eventos, distribuídos em um período de 22 dias, não houve eventos voltados ao sertanejo, pagode, axé ou rock, por exemplo. O último evento dedicado ao Rock ocorreu no dia 1/9, com o show do Trio Frito, como descrito em um dos relatórios anexados. Foi, de certo, por coincidência ou não, um dos eventos mais vazios que eu presenciei no Beco das Artes.

Os estilos mais frequentes nos eventos são: música eletrônica, jazz (regularmente às quartas-feiras), Reggae, Hip Hop e outros estilos afins, Funk e seus precursores e variações e um conjunto de estilos que podemos chamar de “música de raiz” ou regional, como o samba, o forró, músicas afro-brasileiras e “latinas”.

Não ignorando o próprio conteúdo dos “termos de uso do espaço” (que serão apresentados mais adiante) e o fato de o Bar do Nanam promover eventos no espaço público, há ainda outros significados políticos atribuídos aos eventos, estes de cunho (declaradamente)

anti-partidário, ligados às eleições presidenciais do ano de 2018. São estes os eventos: Bass Paradise Contra Bolsonaro (13/10), O Fascismo não sabe Dançar (25/10), Rolezinho Contra o Fascismo (27/10), Nulos Brancos Abstenções e todos os outros votos contra Bozonaro (28/10), Dark contra o Fascismo (também em 28/10).

A variedade de estilos musicais contemplados nos eventos promovidos pelo Bar do Nanam, de certa forma, também garante a diversidade de frequentadores. São diversos os modos de se vestir e os penteados presentes nas festas, que dependendo da atração do dia, aparecem em maior ou menor quantidade.

Os eventos começaram em 2015 em parceria com o DJ Rodrigo Cavalcanti, portanto, depois da reinauguração da Praça Tiradentes. Rodrigo até hoje é um dos principais atores sociais do Beco e um dos maiores responsáveis pelos eventos. Nanam, em entrevista inserida nos Apêndices, diz que sentia necessidade de revitalizar o lugar: primeiro por uma necessidade financeira, depois por que o lugar em si não tinha muitos atrativos. Como escrito nos apêndices: “Não deu muitas informações sobre o que ele percebia anteriormente no lugar, apenas que havia certa hostilidade no ambiente e que não era um espaço bem aproveitado. Citou a presença de prostitutas e travestis no local e disse que a falta de atrativos não incentivava a ida de novos frequentadores”.

Já na página do Facebook do Beco das Artes, o seguinte posicionamento pode ser verificado:

“O local é Rodeado por teatros e outros centros de artes, acreditamos que este cruzamento precisa ser socialmente revitalizado. Buscamos nessa ocupação ressignificar este “beco”, que é alternativamente conhecido como Beco das Putas por conta da presença de garotas de programa nas redondezas, trazendo mais uma referência de Arte e Cultura para o local.”

(postado na página Beco das Artes-RJ em 9 de setembro de 2015)

### 2.3 O ESPAÇO SE TRANSFORMA? TARDE, NOITE, MADRUGADA

A Rua Imperatriz Leopoldina e a Rua Luís de Camões parecem viver duas realidades distintas. De dia, a Luís de Camões está com os comércios abertos nos prédio já envelhecidos. Mercadorias estão expostas nas portas e nas calçadas, o sebo que fica na esquina da Luís de Camões com a Avenida Passos está aberto e pessoas transitam de um lado para o outro da rua, devido também à proximidade à outras ruas caracterizadas pela forte presença de comércios,



como a Gonçalves Ledo. O Centro de Arte Hélio Oiticica também está aberto e de vez em quando jovens entram e saem de lá.

A Rua Imperatriz Leopoldina é mais vazia de tarde do que de noite. O Boteco da Praça é o único bar aberto durante o dia, pois também funciona como lanchonete e restaurante, vende salgados, café e serve refeições (os chamados Prato Executivos). Na esquina da rua com a Praça Tiradentes, em frente à agência da Caixa Econômica, fica um senhor vendendo discos de vinil. O Bar do Nanam ainda está fechado e na calçada, em frente ao bar, ficam as prostitutas.

Quando a noite aparece, as Ruas trocam de função. A Luís de Camões se torna deserta, o Centro de Arte Hélio Oiticica fecha suas portas e a movimentação da rua cessa. As portas fechadas dos prédios antigos tornam ainda mais evidente seu envelhecimento.

Chegam universitários e demais frequentadores, o burburinho começa e as luzes se acendem. Acredito ser neste momento, depois de ter anoitecido e o ambiente de “happy hour com cerveja barata” saltar aos olhos, que a Rua Imperatriz Leopoldina se transforma em Beco das Artes.

Observei durante as visitas que não é uma transformação instantânea. Há gradações de existência entre a Rua e o Beco. A música no Bar Imperatriz começa cedo, numa pequena caixa de som na calçada, encostada na parede. Lá pelas 23h, em dia de evento, um DJ começa a tocar em frente ao palco improvisado em frente ao Nanam. Quando é dia de festa, a música fica mais intensa, muitas vezes há revezamento de Dj’s. Quando é dia de show, o DJ trabalha até dar o horário da banda começar a tocar ou a ajustar os instrumentos. Muitas vezes os dois bares deixam sua música tocando concomitantemente. Apesar da proximidade, um barulho parece não interferir no outro, permitindo que se observe um frequentador dançando funk em frente ao bar pequeno enquanto escuta-se o som alto do samba em frente ao Nanam. Talvez este seja o momento em que a “existência Beco” se torne predominante. É por volta deste horário que vendedores ambulantes começam a se instalar nos pontos fixos da Rua Luís de Camões. A barraca que fica mais movimentada é a que vende caipirinha, propriedade de uma mulher muito conhecida no local chamada Tia Danda. Sua filha, Edna, também trabalha no local. Como são sempre os mesmos vendedores que estão por lá, acabam ficando conhecidos daqueles que frequentam o Beco com certa assiduidade. Não é permitido que outras barraquinhas se instalem nesses pontos, uma vez que, de acordo com um vendedor ambulante que trabalha pelos arredores durante o dia, os vendedores pagam para terem a possibilidade de trabalhar no local.

As pessoas se aproximam aos poucos do Bar do Nanam. A festa ou o show só ficam realmente cheios de madrugada, por volta de 1:00h. Há, entretanto, um fenômeno que ocorre às 3h, principalmente aos finais de semana, que é o horário que observei ser mais lotado de

frequentadores. Talvez pelo fato de as pessoas que chegaram cedo ainda não terem ido embora ao mesmo tempo em que outras pessoas chegam ao lugar. Talvez haja essa interseção de frequentadores em horário peculiar e por isso a impressão de “lugar lotado”.

## CAPÍTULO 3: SOCIABILIDADES E APROPRIAÇÕES NO BECO DAS ARTES

### 3.1 OS “TERMOS DE USO” DO ESPAÇO

O Bar do Nanam é o principal apoiador dos eventos que ocorrem no Beco das Artes. O próprio perfil no Facebook do bar aparece com os dois nomes: “Bar do Nanam – Beco das Artes”. Lá é onde todos os eventos são divulgados com uma imagem e uma curta descrição, que sempre segue acompanhada de certas regras estabelecidas pela própria organização dos eventos. Aqui, as regras (“notas” ou “dicas”, como aparece na página) serão enumeradas com o intuito de facilitar o desenvolvimento do trabalho posteriormente, mas originalmente as regras são apenas marcadas com uma pequena estrela. Há pequenas variações na escrita dos itens, mas estes parecem sempre com o mesmo sentido. São estas:

1. Compre no Bar do Nanam que é o principal apoiador dos eventos
2. Contribua com o chapéus dos músicos, se puder, e mantenha o evento
3. Não encoste, toque em ninguém sem o consentimento da mesma. Não aborde (interrompa) ninguém que esteja curtindo o som. Não seja inconveniente! Muita gente está ali ouvindo música! Respeite o não.  
3.1 O item 3 também aparece na variação: Respeite! Não é não. Respeitar o espaço físico; Não toque intencionalmente em ninguém sem consentimento da pessoa.
4. Utilize os banheiros dos bares (não urine nas portas das lojas!)
5. Cuide de seus pertences (nosso evento é de rua).
6. Não vá embora sozinho, tente ir em grupo; o entorno da praça pode ser hostil.
7. Jogue lixo no lixo; Não deixe garrafas de vidro no chão.
8. Ame; A rua é sua. Cuide.
9. Venha para ser feliz. Permita que o outro seja tão feliz quanto.
10. Racistas, Homofóbicos, Machistas, pessoas preconceituosas em geral não são bem vindas. Estamos de olho.
11. Se beber não dirija.
12. Aqui é uma ocupação de espaço público, construída coletivamente, portanto, a rua também é sua. Ajude a cuidar do local e denuncie os vacilões infratores, chame o segurança ou peça para parar o som, seja responsável pela conquista deste espaço e não permita atitudes nocivas que prejudiquem todas as pessoas. Cuide e Respeite.

13. O Bar do Nanam aceita todos os cartões de débito e crédito, e não cobra pela utilização de mesas e cadeiras, nem entradas ou couvert.

Como colocado no capítulo anterior, a página de divulgação dos eventos do Beco das Artes/Bar do Nanam veicula sempre as “dicas” e “notas” de orientação de uso do espaço que demonstram certo posicionamento político em relação à forma de apropriação do espaço público e em relação ao tratamento dos frequentadores uns com os outros.

Pode-se observar uma oposição entre o entendimento do espaço urbano ao redor do Beco das Artes e o entendimento do que se pretende construir ou é construído no próprio Beco: “Ame; a rua é sua; cuide” está em oposição à “o entorno da praça pode ser hostil”. Se amar e cuidar fazem parte do ato de frequentar a rua, os arredores da praça, ao contrário, podem oferecer hostilidade. Assim, fica estabelecida não apenas a oposição entre “cuidar” e ser “hostil”, mas também entre os significados impressos nos lugares geográficos “rua” e “praça” (ou “arredores da praça”). Delimita-se o espaço: praça, rua e beco. A Rua Imperatriz Leopoldina, funcionando de acordo com as “dicas” ou “notas” do Beco das Artes, é um lugar ideológico, ou seja, “uma ilusão que estrutura nossas relações sociais reais e efetivas e que, com isso, mascara um núcleo real impossível” (RODRIGUES,2013, p.78).

A construção da ideologia ligada ao Beco das Artes é evidente também no item “Racistas, Homofóbicos, Machistas, pessoas preconceituosas em geral não são bem vindas. Estamos de olho.”. Ao indicar de forma clara o que seria um público nocivo e indesejado, o Beco se posiciona enquanto “anti-racista”, “anti-homofóbico” e “anti-machista”.

Este posicionamento é verificado também na descrição do evento Nulos Brancos Abstenções e todos os outros votos contra Bozonaro: “É uma questão de ser humano/ de defender a Liberdade/ O respeito entre as pessoas/ Ser contra o Machismo que mata todo dia/ Ser contra a Homofobia que mata todo dia / Ser contra o Racismo que mata todo dia”. Mais abaixo, no texto da página, é colocada a expressão “#ELENÃO”, que também aparece no texto de divulgação do evento Rolezinho Contra o Fascismo, porém, sem a “#” antecedendo a frase.

Desconvidar Machistas, Racistas e Homofóbicos, ser “contra o fascismo”, instruir que “não se toque em ninguém sem o consentimento da mesma” e ainda garantir a vigilância e manutenção das regras (“Estamos de olhos”, “chame o segurança”), auxiliam na construção (ou na intenção de se construir) de uma “realidade social como uma fuga de algum núcleo social traumático” (RODRIGUES,2013, p.78)

Também é possível verificar uma intenção de se incentivar o comportamento ético em relação ao tratamento dos frequentadores uns com os outros. Se de acordo com Luiz Augusto

Rodrigues, a ética é relacionada ao “pleno exercício do eu em sua busca de felicidade e em consonância com a percepção de que esta plenitude, necessariamente, incorpora o Outro”, a ética está, portanto, diretamente relacionada ao item 9: “Venha para ser feliz. Permita que o outro seja tão feliz quanto”. Desta forma, é sugerido que nos Beco das Artes, a necessidade de se garantir a felicidade de um não justifica a anulação da felicidade do Outro: “Não seja inconveniente!” (Ítem3), “Respeitar o espaço físico” (3.1). Em consonância, o item 12 (“não permita atitudes nocivas que prejudiquem todas as pessoas”), sugere uma responsabilidade coletiva na manutenção da “melhor forma de bem viver” (RODRIGUES,2013, p.79).

A noção de cidadania (participativa) é observada nas “dicas” de conteúdo objetivo: “não urine nas portas das lojas”, “Jogue o lixo no lixo” e “Se beber não dirija”. São regras de convivência, segurança, limpeza e conservação do espaço público veiculadas em diversas mídias, presentes até durante o carnaval ou réveillon. São uma espécie de consenso de bom comportamento perante a sociedade como um todo.

Mas o ideal de cidadania está presente também no item 12, pois demonstra uma consciência sobre o que o calendário de festas representa. O próprio evento afirma que “aqui é uma ocupação do espaço público” e isso de certa forma significa que é vivenciar e experimentar um espaço que é coletivo e aberto à prática da cidadania.

Ao dizer que o evento é uma ocupação do espaço público, o evento demonstra uma atitude voluntária de se apropriar de um espaço que é comum a todos e a consciência de que ocupar este espaço é imbuí-lo de significado. Essa consciência se torna evidente no trecho retirado de publicação na página Beco das Artes, de 9 de setembro de 2015: “Buscamos nessa ocupação re-significar este “beco”, que é alternativamente conhecido como Beco das Putas por conta da presença de garotas de programa nas redondezas, trazendo mais uma referência de arte e cultura para o local”.<sup>9</sup>

### 3.2 TRANSFORMAÇÕES

A Praça Tiradentes e seus arredores, ainda que tenham passado por um processo de revitalização do seu patrimônio histórico, ainda podem ser compreendidos como porções de espaço urbano parcialmente espetacularizadas em relação a sua morfologia.

---

<sup>9</sup> [https://www.facebook.com/pg/becodasartesrj/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/becodasartesrj/posts/?ref=page_internal)

Fachadas e imóveis foram reformados, a praça foi reaberta e ganhou nova iluminação e o monumento à D. Pedro foi restaurado, entretanto um processo de “patrimonialização” ou “museificação” não foi completamente firmado.

Fachadas conservadas e bem pintadas, com sua historicidade evidente, hoje contrastam com prédios antigos deteriorados e com construções mais recentes, caracterizadas por um arquitetura “genérica”, o que nos leva a concluir que a Praça não foi transformada inteiramente em um “cenário depurado que teve o seus sentidos tradicionais da história e da cultura pública deslocados para a esfera do consumo” (LEITE, 2002, p.119).

Se o sentido histórico é visível (ou pelo menos é visível que alguns prédios já foram construídos há muito tempo), não dá indícios claros de que a história em si seja conhecida e valorizada ou de que a Praça tenha se tornado um símbolo da cidade nos mesmos moldes em que ocorreu com a Revitalização do Bairro do Recife.

A divisão do espaço por prédios bem e mal conservados é evidente nas ruas Imperatriz Leopoldina e Luís de Camões. Se antes da conclusão das obras, era dividida por tapumes, hoje há grades que separam o espaço depurado e organizado da parte não reurbanizada ou reformada. Exatamente em frente às grades, ficam as barraquinhas da Edna e de sua mãe e de seus colegas. Há uma evidente demarcação do território: ali é o final do Beco das Artes. As festas não podem se estender para além das grades.

Se, de acordo com Paola Jacques, há uma relação inversamente proporcional entre espetáculo e participação popular, talvez tenha sido a espetacularização incompleta dos espaços que possibilitou a sua apropriação por novos atores sociais e o protagonismo do Nanam na ressignificação da rua.

Se relacionarmos os eventos do Bar do Nanam com as tentativas de encerramento de festas no espaço público (como a Roda de Samba Pede Teresa e a as atividades da Praça São Salvador), a ocupação do espaço com a proposta consciente de ressignificar o lugar pode ser considerada uma forma de “politização da vida cotidiana”, uma vez que as ações são movidas através de uma parceria entre um antigo ator social do próprio lugar com um novo ator capacitado para promover tais eventos. Esta consciência está também de acordo com o conceito de democracia participativa apresentado por Faranak Miraftab: “na democracia participativa, os cidadãos reconhecem a inadequação dos direitos formais e não incubem a outros advogar por seus interesses, mas, ao contrário, tomam parte diretamente e formulam decisões que afetam suas vidas” (MIRAFTAB, 2016, p.368).

O uso da expressão “vida cotidiana” relacionado ao Beco das Artes justifica-se por estar em oposição a “espetáculo”. Apesar de o lugar ter sido impactado pelo projeto de revitalização

da Praça Tiradentes, este não efetivou uma “patrimonialização” ou “museificação” derradeira do ambiente em relação a sua morfologia.

O sentido de espaço público parece estar embutido nas ações do Beco. A configuração espacial necessária para que o espaço urbano ganhe seu status de espaço público é evidenciada pelo próprio uso da palavra “Beco”. Beco das Artes, Beco das Putas, “a rua é sua”. A vivência daquele espaço, o sentido, não se prolonga para a Praça ou para outra rua paralela à Imperatriz Leopoldina. O sentido está ali, com seu espaço delimitado: início da rua Imperatriz Leopoldina, a “muvuca” na esquina com a Rua Luís de Camões, diluição de concentração de pessoas no decorrer desta.

Sabe-se que a expressão “revitalização” por vezes não esconde apenas uma intenção de limpeza da paisagem urbana construída, mas também uma intenção de higienização social. Possivelmente a higienização promovida pelo poder público na Região a partir de 2011 foi a responsável por diluir o sentido “Beco das Putas” da Rua Imperatriz Leopoldina”.

O Beco das Artes dá continuidade a utilização da Praça Tiradentes e arredores como um espaço de lazer e atividades populares. Como o lugar ainda se caracteriza parcialmente por “não-espetacular”, é possível verificar a vivência do espaço urbano pelo corpo como um todo, em detrimento do privilégio da imagem imposto pela lógica neoliberal contemporânea.

A prática do Beco das Artes, além de se distanciar da “experiência do consumo” - por estabelecer uma micro-economia particular-, é uma experiência primordialmente corporal. Escuta-se a música demasiadamente alta, sente-se o cheiro forte de cigarro ou de *cannabis* ao caminhar pelo lugar, o corpo dança no meio da rua de paralelepípedos, esbarra em outros corpos, dança junto, dança separado, sua, beija, canta e se expressa com o rosto e movimento. O corpo ocupa o espaço da rua. Sente-se o gosto (e o cheiro) da cerveja e da caipirinha (que pra mim já é A Capirinha da Edna) e pratica-se a decisão (e a sensação) de se estar acordado e rodeado de gente às 4h da madrugada no centro da cidade, onde chega-se apenas através do caminhar por ruas escuras e desertas. Ou de Uber.

## CONCLUSÃO

Concluo, a partir das análises feitas a partir de visitas, entrevistas e leituras, que as sociabilidades estabelecidas no Beco (seja das Artes ou das Putas) ultrapassam o âmbito do acaso ou conveniência e se estabelecem como posicionamentos diante do uso do espaço público, podendo, desta forma, conformar relações dialógicas e identitárias.

Estas relações me parecem estar melhor esclarecidas em relação à “forma de existência Beco das Putas”, provavelmente por envolver dois grupos sociais muito bem delimitados: as prostitutas e os universitários do IFCS.

Já as relações de pertencimento ou identitárias em relação à “forma de existência Beco das Artes” ainda me aparecem de forma nebulosa, pois também não consigo delimitar com clareza os grupos sociais ali envolvidos, com exceção dos estudantes do IFCS que permanecem frequentando o lugar (mas que não há indicações de que sejam, em maioria, os mesmos estudantes de 2015, ano do primeiro evento promovido pelo Bar do Nanam).

Os possíveis nós das relações identitárias de grupos sociais não figuram como particularidades firmadas, apenas como constatações do uso geral do espaço. Isso significa que as práticas características do lugar podem não estar relacionadas a grupos sociais específicos, mas a um coletivo de pessoas que frequentam o lugar, independente da sua identidade social e cultural: o uso livre da cannabis, o pleno uso do espaço público durante a madrugada, preferência por uma ideologia de aceitação e respeito à diferença traçada a partir de relações éticas, preferência por eventos gratuitos e de baixo custo, ou “underground”.

Talvez seja exatamente a diversidade de identidades culturais presente no Beco das Artes que torne o conceito de espaço público tão facilmente verificável neste espaço: “locais onde as diferenças se publicizam e se confrontam politicamente” (LEITE, 2002, p.116).

Os processo de revitalização da Praça Tiradentes, antes considerado por mim apenas como um processo pouco espetacular, ganhou uma perspectiva higienista a partir da entrevista com o Observatório da Prostituição. Foi a partir desta entrevista que a lacuna entre a revitalização da Praça e a dissolução do sentido atribuído ao Beco das Putas foi preenchida.

O Beco das Artes é entendido então como um novo projeto de práticas na Rua Imperatriz Leopoldina que sejam atrativas a novos frequentadores e que auxiliem na construção de novos



significados após o processo de revitalização higienista da Praça Tiradentes e arredores. Ainda que haja lacunas de informações e na linha do tempo, é possível afirmar que um processo de gentrificação ocorreu no lugar. É necessário, entretanto, aprofundar o estudo no intuito de se descobrir se os novos eventos frequentes na Rua Imperatriz Leopoldina contribuíram de alguma forma no processo.

## REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- JACQUES, Paola. Espetacularização urbana contemporânea. *Cadernos PPG-AU/FAUFBA*. Salvador, Ano 2, número especial, pp. 23-29, 2004.
- JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas: o corpo enquanto resistência. *Cadernos PPG-AU/FAUFBA*. Salvador, Ano 5, número especial, pp 93-103, 2004.
- LEITE, Rogério. Contra-usos e Espaço Público: notas sobre a construção social dos lugares na *Manguetown*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol.17, n. 49, pp. 115-172, 2002.
- MAGNANI, José. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol.17, n.49, pp.13-29, 2002.
- MIRAFTAB, Faranak. Insurgência, planejamento e a perspectiva de um urbanismo humano. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, Recife, v.18, n.3, set.-dez. 2016. p. 363-377.
- RODRIGUES, Luiz Augusto. A Cultura do Lugar. *pragMatizes*, Ano 3, n.4, pp. 76 a 91. 2013  
Disponível em <http://www.pragmatizes.uff.br>
- RODRIGUES, Luiz Augusto. Cultura, território e economia – estudos do Caminho Niemeyer em Niterói/RJ. In: LAGES, Flavia e TELLES, Mario (coord). *Dimensões econômicas da Cultura – experiências no campo da Economia Criativa no Rio de Janeiro*. Pp 113-160. 2015
- RODRIGUES, Luiz Augusto e CORREIA, Marcelo. Política Cultural e Território: potência e inibição das sociabilidades. In: CALABRE, Lia [et al]. *Anais VIII Seminário Internacional de Políticas Culturais*. pp.213-223. Rio de Janeiro, 2017.
- RODRIGUES, Luiz Augusto. *Elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso*. 2015.
- Documentos online:
- DIOGO, Erika (org.). *Recuperação de Imóveis Privados em Centros Históricos*. Brasília/DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2009. Disponível em:

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColReg\\_RecuperacaoImoveisPrivadosCentrosHistoricos\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColReg_RecuperacaoImoveisPrivadosCentrosHistoricos_m.pdf) acesso em: 15/10

Revitalização da Praça Tiradentes-centro.

[http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/proj\\_revitalizacao\\_pcatiradentes.shtm](http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/proj_revitalizacao_pcatiradentes.shtm) acesso em: 15/10

Sites e Notícias:

<http://www.realgabinete.com.br/portalWeb/> acesso em:16/10

[https://www.facebook.com/pg/tiradentescultural/events/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/tiradentescultural/events/?ref=page_internal) acesso em: 16/10

[https://www.facebook.com/pg/becodasartesrj/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/becodasartesrj/posts/?ref=page_internal) acesso em: 25/11

<https://oglobo.globo.com/rio/le-paris-primeiro-hotel-cinco-estrelas-do-centro-do-rio-5918983>  
acesso em: 1/12

## APÊNDICES

### **Relatório 1 – Noite de 01/09/2018, madrugada de 02/09/2019**

Cheguei à Rua Imperatriz Leopoldina por volta de 23h. O show como sempre acontece em frente ao Bar do Nanam, que fica no fundo da Rua, ao lado do Centro Cultural Hélio Oiticica. O Bar estava aberto, mas a organização ainda parecia montar o equipamento de som e não tinha muita gente no local.

Sentei, então, no bar que fica na esquina do início da rua, em frente a agência da Caixa, de onde dá para ver a Praça Tiradentes e os trilhos do VLT.

Este bar, em especial, conta com várias mesas e cadeiras de madeira dispostas na parte interna e na calçada, organizadas como em um restaurante. Já estive lá, em 2017, antes de iniciar a pesquisa, em dias que as mesas ocupavam duas calçadas e não havia sequer uma desocupada. Também vale observar que este bar conta com o serviço de garçons e disponibiliza um cardápio mais variado.

Os outros bares da rua – são dois além do Nanam – são consideravelmente menores. Um deles até tinha uma mesa em frente, mas não me recordo de visitar o local e observar um número grande de pessoas sentadas ali. Em frente ao Nanam, as vezes tem uma ou duas mesas de plástico- daquelas de marca de cerveja- com poucas pessoas sentadas. Fiquei um tempo sentada no bar da esquina com uma amiga e meu namorado.

Enquanto jantávamos (hambúrguer e batata frita), uma pessoa em condições sociais e financeiras menos favoráveis nos abordou e pediu que lhe comprássemos um Guaravita. Compramos e ele seguiu seu caminho. Não sei dizer se era uma pessoa em condições de rua ou se ele costuma passar por ali. Resolvi registrar o acontecimento, que é tão comum de se ver no Rio de Janeiro, pois juntamente com outras situações, em outras visitas, pode indicar alguma característica do local.

Por volta de meia noite, o DJ começou a tocar no palco montado em frente ao Nanam e algumas pessoas começaram a se dirigir para o final da Rua. O casal que estava sentado ao meu lado também se levantou e se encaminhou para lá, então achei que era um bom momento para ir também.

Em poucos minutos, a banda Trio Frito começou seu show. Era um rock-blues (de acordo com eles) que fez a frente do bar ficar tomada de gente.

Na rua, as pessoas dançavam. Algumas mais tímidas, outras com nenhuma timidez, dançavam em dupla, em roda, juntas, separadas ou até mesmo sozinhas. Uma em particular, bem na minha frente, dançava rock como quem dançava funk (sem defender aqui uma forma certa de dançar as coisas) e arrancou risadas de duas meninas que estavam em outra roda de amigos.

Na calçada, poucas pessoas estavam sentadas em cadeiras. Outras estavam agrupadas com seus amigos, com uma cerveja na mão, balançavam timidamente o corpo no ritmo da música ou conversavam (pelo menos tentavam, devido ao alto volume da música) com seus acompanhantes.

No ano passado, em junho, estive no Beco também em um sábado, mas era um grupo de samba que tocava naquela noite e fiquei por lá até umas 3h. O volume de público era consideravelmente maior, ocupava até a frente de um dos bares, mais próximo a agência da Caixa Econômica que fica na entrada da rua. Desta vez, dia 1/9, o público ocupava somente a frente do Bar do Nanam, porém, as pessoas se aglomeravam em frente ao palco de forma que dificultava a passagem por ali.

Acho importante ressaltar a presença de casais homoafetivos no local sem aquela aparente preocupação de esconder que são de fato um casal. Eles dançavam juntos, mostravam afeto em público, se beijavam, pareciam estar realmente confortáveis ali no meio daquela pequena multidão.

Outro fato importante de ressaltar é a venda de “palha italiana mágica” anunciada em uma pequena placa segurada por um homem bem jovem, por volta de 20 anos. Lembrei de uma vez que fui lá no ano passado e conversei com um homem (por volta de 40 anos) que me sinalizou que ali era um ponto “seguro” para usar determinadas substâncias, o próprio segurava uma garrafa plástica que ele me explicou que era “loló” - não sei até que ponto essa “segurança” é relacionada a presença ou ausência das patrulhas do Centro Presente que costumam ficar estacionadas bem ao lado do monumento central da Praça Tiradentes, de onde se avista o Beco com clareza. Desta vez, não tinha patrulha por ali, mas outras vezes os guardas estavam na praça olhando diretamente para o Beco, apesar de não terem entrado na festa.

Não tinha muitos ambulantes no local. Dois estavam do lado de fora do Beco, em frente à entrada da agência da Caixa. Lá dentro, apenas uma mulher vendendo caipirinhas, vinculada ao Bar do Nanam.

Observei também em visitas anteriores que os vendedores ambulantes de bebidas são em sua maioria vinculados ao Bar. A própria organização sugere aos frequentadores que estes priorizem a compra de bebidas no Nanam, já que ele é o principal incentivador dos eventos que acontecem por ali.

Fui embora por volta de 1:30h – pois tinha apresentação no dia seguinte – e a rua continuava com sua pequena multidão. Pela minha observação prévia, teria bastante gente ali até às 3h e alguns remanescentes até umas 4h.

## **Relatório 2 – Noite de 15/09/2018, madrugada de 16/09/2018**

Desta vez, resolvi chegar ao Centro de Metrô. Saltei na Estação do Largo da Carioca e me deparei com uma cidade vazia e bem iluminada, somente um grupo pequeno de amigos entravam na Estação do Metrô e bem distante, avistei dois moradores de rua que conversavam. Ali no Largo tinha apenas resquícios do que parecia ter acontecido durante o dia: stands da Feira do Livro e o stand/base da Operação Centro Presente, vazio e fechado.

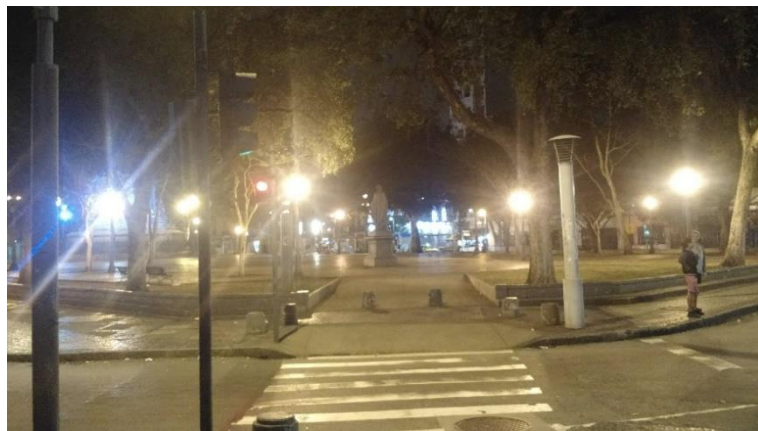
Mais ou menos umas 15 pessoas saltaram na mesma Estação que eu, todos homens. Não-coincidentemente, estávamos indo na mesma direção, então fiquei acompanhando de longe o caminho que faziam e onde iam parar.

Segui pela Rua da Carioca em direção à Praça Tiradentes. A rua estava também vazia, mas diferente do Largo, era escura. Cruzei com duas ou três pessoas no caminho, um deles já bem alcoolizado. Do outro lado da Rua, se formava uma fila bem comprida para entrar na boate que fica na esquina da Rua da Carioca, já chegando na Praça Tiradentes. As pessoas que saltaram do metrô comigo, entraram nesta fila e eu segui meu caminho.

Não pude deixar de reparar, desta vez, nas construções antigas da Rua da Carioca, algumas com a fachada bem pintada, outras com a pintura e janelas, talvez a estrutura, degradadas pelo tempo. Os primeiros andares dos prédios, na minha percepção daquele momento, contrastavam com os andares de cima: no térreo, aquelas portas de metal articuladas que fecham de cima para baixo indicando que o comércio estava fechado e pequena

placa/letreiro dizendo o nome da loja, a partir do segundo andar, as construções indicando que aquela Rua é mais antiga do que todos os seus comércios parecem ser.

Então eu cheguei na Praça e avistei um vazio bem iluminado. À minha direita, estavam a boate e a enorme fila de pessoas esperando para entrar. Na mesma Rua, um pouco mais a frente, acontecia uma festa no Centro Cultural Carioca. Na frente do Centro, um ambulante que está sempre ali vendendo caipirinhas, drinks e cerveja. Ao lado do Teatro João Caetano, dois outros ambulantes e poucas outras pessoas por ali. Mas a Praça mesmo, completamente vazia.



Do lado oposto de onde eu estava, atravessando toda a Praça, ficam uns casarões antigos. Em um deles funciona hoje o Centro de Referência do Artesanato Brasileiro, ao lado funcionava a Estudantina. A vezes tem uma festa acontecendo por ali, mas neste dia não tinha.

Caminhei em direção ao Beco e me deparei com um lugar diferente: para os padrões do lugar, estava cedo, mas estava movimentado, bem iluminado. Tinha barulho, conversa, os bares tinham gente na frente, mais mesas ocupadas. Até mesmo os dois bares menores, mencionados no relatório anterior, tinham mais mesas dispostas na calçada.





A música estava alta e vinha da frente do Bar do Nanam. A programação hoje era Baile Sock – edição Homenagem ao Mr. Catra- , uma festa com DJs na rua, tocando charme e funk. Já tinha gente em frente ao bar, dançando ou conversando, e a circulação de pessoas estava mais intensa do que da vez anterior.



A noite estava agradável. De vez em quando a chuva acontecia, mais fraca ou mais forte, mas não parecia atrapalhar o que estava acontecendo ali. Quando ela caiu forte, algumas pessoas simplesmente se abrigaram embaixo dos toldos dos bares, outras ficaram ali pela rua mesmo. Demorou a passar desta vez, então a organização do evento desceu uma lona que cobria a frente do bar, saindo de cima do prédio até a outra calçada. A lona ficou lá o restante da noite, mesmo não chovendo mais.

Desta vez não tinha banda e como a lona estava estendida, eu não conseguia ver direito se tinha alguém “passando o chapéu” (como já vi outras vezes), ou se tinha chapéu disposto no chão próximo ao palco. Na verdade, debaixo da lona, eu não conseguia enxergar nem o DJ, nem me aproximar do mini palco. Estava tomado de gente dançando ali e quanto mais tarde ficava, mais gente ia chegando.

Pareciam ter três ambientes: antes da lona, debaixo da lona, depois da lona. E com aquela barreira física, os ambientes “antes” e “depois” não conseguiam se enxergar. Por isso ressalto que ia ficando mais cheio quanto mais tarde ficava: cada vez que eu mudava de ambiente, via mais pessoas se aproximando.

Eu saí de lá às 3:15h, chegava gente de taxi, de Uber ou andando, pareciam já estar vindo de outra festa e garanto que estava mais cheio do que quando era 1h, não parecia estar nem perto da festa acabar (na página do Facebook da organização, está anunciado que a festa era até as 6h).

No “depois da lona”, tinham seis carrinhos de ambulantes vendendo caipirinhas e drinks. Quem estava ali, interagia com a música que tocava, com a festa que estava acontecendo dançando, cantando os funks ou olhando a movimentação.

No “antes da lona”, tinha um carrinho de crepe, mais dois ou três ambulantes do lado de fora da rua (nos trilhos do VLT) vendendo bebidas e biscoitos. Ali as pessoas nos bares menores também se relacionavam com a festa. Parecia tudo uma coisa só. Acho que o que eu estou querendo dizer é que desta vez a movimentação tinha cara realmente de festa de rua, não dava para ignorar o som, o funk, as pessoas dançando.



Das outras vezes, parecia realmente haver uma separação da intenção das pessoas ali. Talvez por ter menos gente, por ser outra música, por ser uma banda: era uma festa DO bar que acontecia NO bar, só que por acaso o bar é NA rua.



E tinha gente de tantos estilos variados, com tantas roupas diferentes, idades diferentes. No dia 1, estava menos diverso. Na minha percepção, parecia ter uma maioria ali daquele grupo que nós genericamente chamamos de “galera alternativa”. Sem a intenção de reforçar estereótipos, mas de deixar esta percepção registrada, pois pode indicar uma diferença de público em cada dia.

Não vi confusão, não vi brigas, não vi situações chatas. Mas descobri que realmente tem um segurança no lugar, que anda com roupas normais, meio que “a paisana” e ele anda portando um cassetete.

Assim como no dia 1/9, tinha doces mágicos a venda, mas desta vez era brigadeiro. Funcionava no mesmo procedimento: jovens segurando uma placa anunciando seu produto, sem restrições. Fiquei curiosa ao ver a placa anunciando Cachaça Mágica, então fui conversar com as meninas (elas se chamam Johana e Marrom). Perguntei o que tinha de mágico na cachaça e Johana só me explicou que era artesanal, com cravo e canela e que ela mesma compra direto do alambique e aprimora. Perguntei então se era mágica igual ao brigadeiro. Ela me respondeu assim: “não, na minha cachaça não tem maconha” e riu. Eu também ri. Ela me contou que mora numa cidade distante e que quase nunca vai lá, mas que passará a frequentar mais vezes. Comprei um copinho de cachaça dela (era forte), nos despedimos e fomos cada uma para um lado.

Sobre o uso de substâncias mágicas, pela minha percepção, pelo o que eu vi e pelo cheiro, afirmo que é liberado. Um grupo de jovens distribuía adesivos circulares com o desenho da folha da maconha, depois me aproximei e identifiquei que era um adesivo de candidato político. Então, posso concluir a princípio, que é um assunto que permeia o lugar.

Conversei também com uma menina que estava vendendo caipirinhas “depois da lona”. Ela se chama Edna, tem uns 20 anos. Me contou que está lá quase sempre, a partir de terça ou quarta-feira. Me contou que cada dia tem uma coisa diferente e que fica bem mais cheio do que estava ontem. Disse que se eu gosto de uma coisa mais tranquila, posso ir na quarta, pois é dia de jazz. Combinei com ela de aparecer por lá durante a semana. Não consegui prosseguir a conversa, pois não parava de chegar gente para comprar suas caipirinhas.

Indo embora, parei no bar maior, em frente a agência da Caixa, e conversei com Seu Nonato que trabalha como garçom. Seu Nonato disse que os prédios antigos da rua são vazios – acho que tão antigos quanto os da Rua da Carioca-, não tem nada em cima do Bar do Nanam ou do bar que fica ao lado. O prédio em cima do Bar que ele trabalha é residencial e os moradores reclamam do barulho com certa frequência. O outro prédio com luzes acesas, me explicou que é somente a agência da Caixa Econômica mesmo. Não soube me responder há quanto tempo aquele movimento acontecia, mas fazia mais de um ano. Quando perguntei se quem frequentava eram as pessoas vindas da Lapa, ele só me disse que a Lapa não está “mais daquele jeito”.

Lá pelas 2h, chegou um carro de polícia pela Rua Luís de Camões, que é onde fica o Centro Cultural Helio Oiticica, no “depois da lona”. Ele estacionou, saiu do carro, conversou,

sorriu e ficou por ali próximo ao carro, nem se aproximou da festa. Também não tinha viaturas da Operação Centro Presente na Praça, como havia no ano passado.

A Praça continuava vazia, com pequenos focos de pessoas em suas extremidades, por assim dizer.

### **Relatório 3 – Noite de 19/09/2018, madrugada de 20/09/2018**

Desta vez, cheguei ao Beco das Artes de ônibus por volta de 21:40h. Peguei a linha 232 no Grajau e saltei no ponto em frente ao Teatro João Caetano na Avenida Passos. Entrei na Rua Luís de Camões ainda vazia. Não tinha música, nem frequentadores, nem ambulantes. Era silencioso e vazio. Talvez essa ausência de sons e movimento tenha evidenciado as fachadas antigas e danificadas.



Algo que parece uma capela me chama a atenção: com uma espécie de barricada na entrada e grades impedindo que sua porta abra. Em frente a ela, uma pensão cujo prédio está em péssimo estado de conservação.

Me pergunto se alguém mora em um daqueles prédios ou se eles são endereços comerciais ainda em funcionamento. Talvez uma visita diurna me tire algumas dúvidas. Mas posso garantir que os prédios da Luís de Camões são tão antigos e talvez ainda mais danificados do que o prédio onde fica o Bar do Nanam.



Lembrei do projeto Corredor Cultural e sua proposta de revitalização de fachadas e conservação da memória e do sentido histórico dos espaços do Centro. Me pergunto qual terá sido a delimitação do projeto naquele ambiente, já que o prédio do Centro Cultural Hélio Oiticica foi contemplado pelo projeto na época de sua execução.

Do outro lado, atravessando o Beco (Rua imperatriz Leopoldina), passa o VLT da Praça Tiradentes. De onde eu estava, conseguia avistar o VLT, o monumento central da Praça e na paisagem, acima do monumento, um desses prédios com a fachada meio espelhada. Não sei dizer precisamente como ele é, mas é um desses prédios com “jeito de contemporaneidade”. Será este um exemplo de paisagem pós-moderna onde os projetos da contemporaneidade e os resquícios da história se encontram?

Escrevo ainda sentada no Bar Maior que finalmente descobri se chamar Boteco da Praça. Corrijo também a informação de que o Bar menor 1 conta com poucas mesas. Ele não tem o espaço interno grande como o Bar Maior, mas dispõe suas mesas e cadeiras na calçada, na frente da Caixa Econômica. Então as mesas dali são do bar menor, e não do Boteco da Praça como imaginei e escrevi inicialmente.

Hoje o Beco está com clima de barzinho, com clima de “Happy Hour” após o trabalho e faculdade. A rua está animada e cheia, mas sem o fluxo intenso de pessoas, sem aquele vai e vem de gente como estava no dia 15/9. Os espaços não parecem tão integrados como da última vez.

A música vem de uma pequena caixa de som em frente ao Bar Menor, onde alguns jovens -possivelmente universitários- dançam e cantam em frente.

No Bar do Nanam, acontece uma movimentação dos músicos e da organização. No Facebook está dizendo que o evento começa às 20h e que é dia de jazz. Tradicionalmente, já há algum tempo, acontece este mesmo evento no Bar do Nanam toda quarta-feira. O show ainda não começou, mas já era de se esperar. Tudo aqui começa tarde, independente do dia da semana ou do horário marcado para o evento no Facebook – afirmo baseada nas lembranças das vezes que estive aqui mesmo antes de dar início à pesquisa.

Escrevo agora de casa.

O show começou mesmo às 22:35h, era aquele samba-jazz, meio MPB. Depois começou o jazz mais tradicional, por assim dizer, mas neste momento eu já estava de saída.

As pessoas não dançavam tanto, mas interagiam razoavelmente com os músicos. No dia de Rock, isso não acontecia.

O que tenho de novidade para contar é o meu contato mais próximo com os ambulantes do local.

Quando eu voltei para a frente do Nanam, vi que alguns ambulantes já estavam no local. Edna me reconheceu e levantou de onde estava para me cumprimentar. Me deu um abraço, disse que era bom eu ter voltado e então eu fiquei por ali, conversando amenidades. Ela me contou que a maioria das pessoas que frequenta ali são estudantes da UFRJ, de um campus que fica por perto. Ela então pegou sua marmita, sentou na cadeira um pouco afastada de seu carrinho e jantou.



Descobri que boa parte das pessoas que trabalham como ambulantes ali no Nanam são de uma mesma família. A mãe é dona de seis dos carrinhos e com ela trabalham sua filha Edna,

seu filho adotivo de nacionalidade colombiana, a amiga ou namorada deste filho e uma menina que vai para o Nanam de longe para trabalhar.

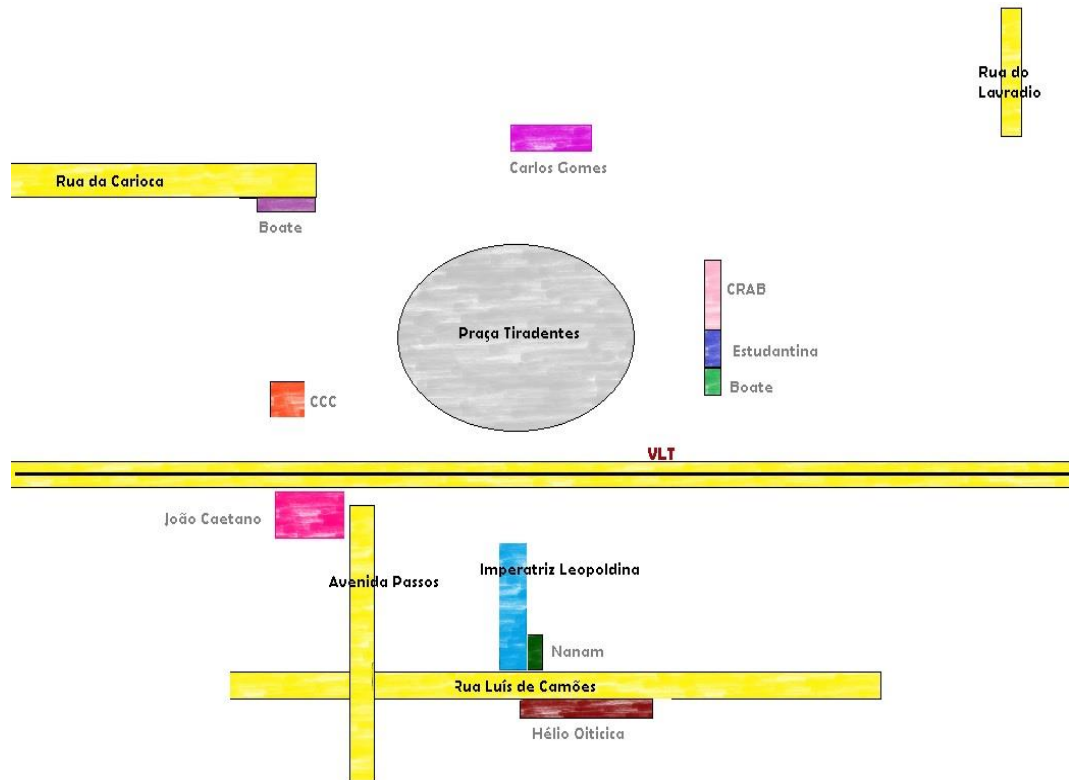
A mãe é candidata a deputada estadual e é conhecida como Tia Danda da Caipirinha. Ela está concorrendo pelo mesmo partido que Eduardo Paes. Diz que teve que abraçar a vaga pois, como tem um conhecido lá dentro, foi o único partido que lhe deu oportunidade. Me contou que não perde mercadoria ali no Nanam porque paga pelos pontos. São dois, R\$150,00 por cada um. Ela estava desabafando, contando da vida, achei que seria demais perguntar a quem ela paga esse dinheiro no primeiro momento. Para fazer sua campanha sem fazer campanha para ele, me contou que recorta a imagem do rosto do Eduardo Paes de todo o material impresso e deixou bem claro que é uma atitude subversiva e que faz parte do jogo. Veio falar comigo depois de ter visto um jovem me entregando santinho eleitoral daquele candidato mencionado no relatório anterior cujo material impresso tem o desenho da folha da maconha. Não me entregou nada a princípio, só depois de eu ter pedido, mas acabei perdendo durante a visita. Me explicou que queria chegar pelo menos ao primeiro degrau da ALERJ para pode fazer algo para quem realmente precisa e disse sonhar com uma espécie de projeto social que pague um salário para as pessoas sem privilégios sócio financeiros no intuito de fazê-las aprender uma profissão, estudar ou para ter seu tempo ocupado de forma produtiva.

Ela mora depois de Nova Iguaçu, mas aluga uma casa ali no Morro da Providência para sua família não ter que percorrer todo o caminho entre sua casa e seu local de trabalho todos os dias. Aposta no trabalho autônomo e contou que ganha sete mil reais por mês.

Um carro de polícia estacionou na entrada da Rua Luís de Camões. Ninguém saiu do carro durante um bom tempo. De repente, um policial saiu e caminhou até a esquina da Rua Imperatriz Leopoldina com uma postura nada simpática, quase ameaçadora. Olhou e voltou para o carro. Tia Danda da Caipirinha observava de “rabo de olho”, como quem esperava o policial tomar alguma atitude ou apenas saber o que ele queria. E o observou ir embora. Aconteceu uma espécie de comunicação com o olhar entre Tia Danda e um de seus filhos.

Ela disse que todos por ali a conhecem e que ela é muito querida naquele lugar. De fato, é uma figura carismática, muito comunicativa e aparentemente muito generosa. Comprei uma caipirinha de um dos seus filhos antes de ir embora e ela me perguntou se eu tinha como voltar para casa de ônibus ou se eu teria de ficar pelo Rio.

Eles fazem parte daquele lugar. Não só trabalham, mas reforçam seus valores e proximidade enquanto familiares e são importantes para a sociabilidade singular do local.



Enquanto Tia Danda conversava comigo, chegou o Haiti.

Haiti é um haitiano que passa por ali e interage com Tia Danda e seus familiares. Eles conversam, se comunicam e brincam, mas eu mesma não entendia quase nada do que ele falava. Ele é uma simpatia. Chegou de bicicleta, já sorrindo. Tia Danda perguntou: “De onde você é mesmo? Da Holanda?”. Ele respondeu: “Haiti”. Então ele virou Haiti para o resto da noite.

Conheci também a Ligia, que é a moça que passa o chapéu para a banda. Perguntei se trabalhava lá e ela disse que sim, mas que é um “freela” fixo. Não costuma ir aos sábados, está mais às quartas – que é o dia do jazz- e durante a semana. Pretendo conversar mais com elas durante a visita da próxima semana. Fui embora por volta de 1:30h.

#### **Relatório 4 – Noite de 22/09/2018, madrugada de 23/09/2018**

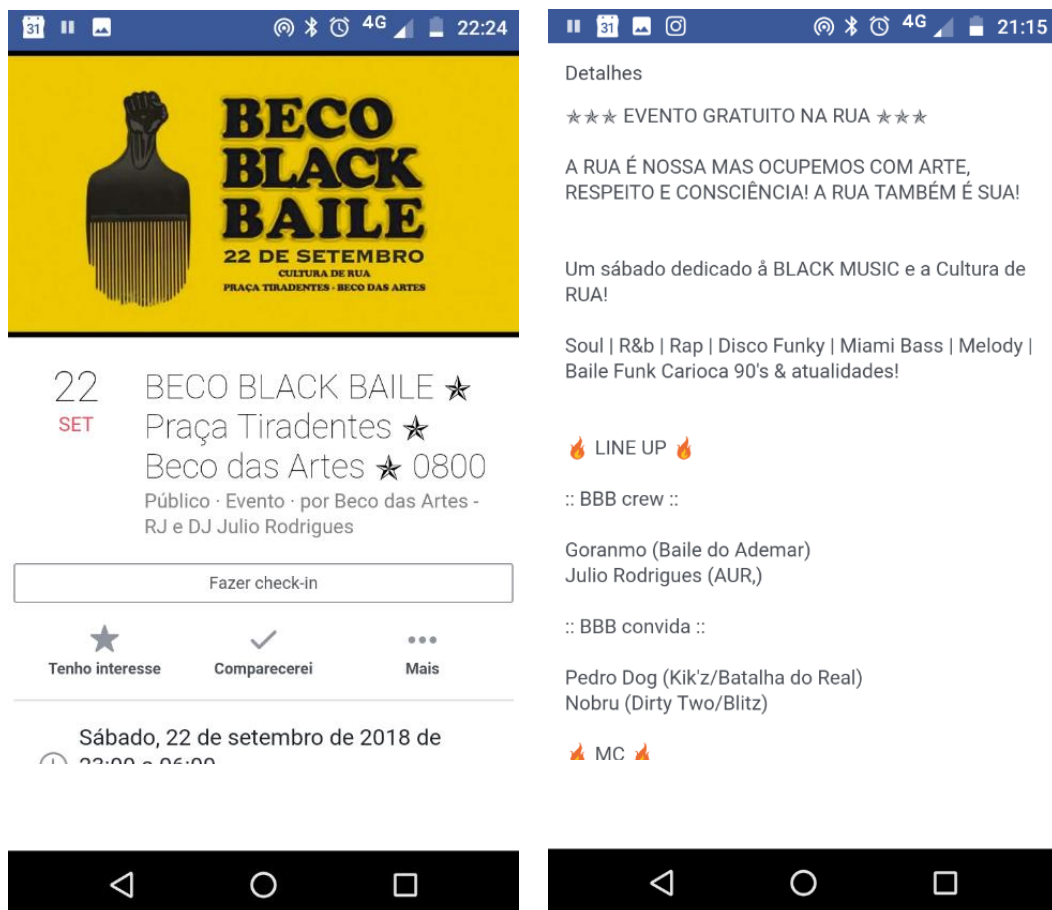
Cheguei ao Beco das Artes por volta de 1:10h. Fui de Uber, saindo de Niterói, depois de ficar durante uma hora no ponto de ônibus da Praia de Icaraí esperando alguma condução. A praça estava como na visita anterior de sábado à noite: pouca gente, muitos taxis e carros



convencionais – que imagino, em grande parte, estarem fazendo transporte como Uber-passando e pequenos focos de movimentação em seu entorno, como nas boates e no Beco das Artes/ Bar do Nanam. O Centro Cultural Carioca estava fechado.

Minha visita este sábado foi com o intuito de averiguar as características do público, pois os públicos diferiam bastante nos sábados em que estive lá (1/9 e 15/9). Desta vez estava bem mais cheio do que no dia 1/9 e consideravelmente mais vazio do que no dia 15/9. Como nos outros dias, quanto mais tarde ficava, mais gente chegava.

Não tinha banda, era uma festa com DJ tocando *black music* (denominação usada pelo evento) e a maioria do público parecia se identificar com esta cultura/movimento. Seu jeito de vestir e seu jeito de dançar me levam a essa conclusão. Alguns formavam pequenas filas e executavam todos as mesmas coreografias, como acontece em baile charme.



O público em si continuava diversificado, mas eu ainda não havia reparado em pessoas deste estilo tão presentes no Beco das Artes.

Novamente, alguns frequentadores usavam substâncias “mágicas” (ver relatório 2) sem maiores preocupações, mas não vi a palha italiana, o brigadeiro e nem a cachaça sendo vendidos por lá (também não tinha no dia 19/9).

Começo a chegar à hipótese de que o público se divide assim: uma parte, vai ao Beco por que gosta do Beco independente do que estiver tocando lá, são outros motivos que os levam a frequentar este lugar. Já outra parte, vai nos dias específicos da música que gosta de ouvir. São frequentadores dos eventos, e não do lugar em si.

Compreendendo melhor o fluxo de pessoas e público e tendo contato com quem trabalha no Beco, começo a sentir a urgência de começar a conversar de forma mais objetiva com os atores locais. Acredito que seja necessário elaborar um “caminho de perguntas” que me auxilie a guiar as conversas que acontecem durante as visitas, sem precisar torna-las conversas formais.

Meu primeiro objetivo da próxima semana é conversar mais objetivamente com a Ligia (a moça que passa o chapéu para os músicos) e com os frequentadores dos diferentes dias de evento. Meu segundo objetivo (que tenho achado cada vez mais importante) é conseguir chegar ao final da festa.

Fui embora por volta de 3:30h.

Sair de lá usando transporte público não é tarefa tão fácil. As opções são caminhar até a Lapa para então pegar um ônibus/van ou esperar durante muito tempo por algum transporte alternativo. Na Lapa sempre tem van direto para o Terminal Rodoviário de Niterói e foi a opção que eu escolhi. Cheguei em casa por volta de 5h. Provavelmente (pelo indicado na página do evento no Facebook) a festa no Beco ainda estava acontecendo.

### **Relatório 5 – Noite de 10/11/2018, madrugada de 11/11/2018**

Cheguei ao Beco das Artes de Uber por volta de 1:30h da madrugada. O intuito da visita era conversar com frequentadores e entender quais eram suas percepções acerca do lugar e suas motivações para ir até lá. A escolha da madrugada se deu a partir da percepção de que, como o evento começa após meia noite, o público em si estaria lá a partir deste horário.

Circulei pela praça e entrei na Rua Imperatriz Leopoldina. O ambiente, já conhecido por mim, não apresentava muitas novidades. A atração musical do dia era Música Eletrônica.



**NOV 10** SEED - Synesthetic Electronic Eventually Diagnosed  
SEED e outras 2 pessoas

MENSAGEM

Tenho intere... Confirmar pr... Salvar Mais

Sáb, 10 de nov às 23:00 – Dom, 11 de nov às 07:00 BRST  
Evento iniciado há um mês

Bar do Nanam - Beco das Artes  
Beco das Artes, Rio de Janeiro

SOBRE DISCUSSÃO

SEED - Synesthetic Electronic Eve...

SOBRE DISCUSSÃO

DATE

♪ : Deep, Tech house, Minimal, Techno, Progressive

Line up:

- Bia Castelo [Great DJs]
- Felipe Alvaro [Great DJs]
- Letícia Queiroz [Great Djs]
- PHYTO [Great DJs]
- Marcio Barbosa [Great Djs]
- Bruno Camargo [Great Djs]

EVENTO GRATUITO

Respeite o próximo!  
Não será tolerado qualquer tipo de discriminação e preconceito no evento.

#respeiteasminas  
#movimentoLGBT  
#respeitonecessário

Arte Techno House (música) Música eletrônica

SEED - Synesthetic Electronic Eve...

SOBRE DISCUSSÃO

Coletivo S.E.E.D - Synesthetic Electronic Eventually Diagnosed apresenta a todos uma mistura de frequências sonoras expansivas como amostral do nosso laboratório, afim de estimular sinapses nervosas do sistema límbico, em plena rua!

Compostos por DJs de variadas vertentes de música eletrônica, o coletivo busca não só agregar e aprimorar conhecimentos sobre o tema diretamente na pista, como também aproximar o público a esta terapia sinestésica de infinitas possibilidades.

SAVE THE DATE

♪ : Deep, Tech house, Minimal, Techno, Progressive

Line up:

- Bia Castelo [Great DJs]
- Felipe Alvaro [Great DJs]
- Letícia Queiroz [Great Djs]
- PHYTO [Great DJs]
- Marcio Barbosa [Great Djs]
- Bruno Camargo [Great Djs]

EVENTO GRATUITO

Fui até o Boteco da Praça, comprei um salgado e um suco. Esperei. Fui até a barraquinha da Edna, comprei uma caipirinha (já de praxe), trocamos algumas palavras e tratei de observar o público. Edna e eu raramente conversamos por esse horário, pois o movimento é muito grande. Mas ela nunca deixou de me atender ou cumprimentar. Muitas vezes até me chama para perto dela enquanto tomo (ou faço apenas pose com o copo na mão) minha caipirinha.

O público no Bar do Nanam mais uma vez me pareceu diversificado. Desta vez, achei interessante observar algumas pessoas com adereços que acendiam e apagavam, como esses usados em

festas de aniversário e formaturas. E até mesmo pessoas com desenhos fluorescentes no rosto. Não era maioria, na verdade estava longe de ser, mas nunca tinha reparado em frequentadores usando estes adereços.

O que observei com o passar das horas foi uma maior presença de casais homossexuais masculinos. Não sei dizer se foi por coincidência ou se foi pela atração musical do dia. Não era, com certeza, um dia dos mais movimentados. As pessoas dançavam no meio da rua, exatamente em frente ao Nanam. Era um pequeno aglomerado em comparação a outros dias.

Não consegui observar muitas novidades este dia, somente tentei conversar com algumas pessoas.

Conversei com duas meninas chamadas Hanna (21) e Raiana (23). Era a primeira vez que elas iam ao Bar do Nanam e resolveram ir para lá por indicação dos amigos. Segundo elas, o Bar do Nanam é um lugar muito falado, muita gente comenta sobre ele, sugerindo uma espécie de divulgação boca a boca, espontânea, das festas que acontecem por lá.

Raiana não falava muito e quem comandou a conversa foi Hanna. Moradora de Laranjeiras, disse que costumava frequentar um lugar na Lapa que também realizava eventos no espaço público. Reclamou da infra-estrutura dizendo que não tinha um banheiro limpo para usar lá, da mesma forma que no Bar do Nanam também não tinha (apenas os banheiros dos próprios bares, que é considerado um banheiro “pé sujo”). Me contou que um dia reclamava das condições do banheiro desse tal lugar (e da falta de banheiros químicos) da Lapa e acabou falando que “era obrigada a fazer xixi na rua”. Alguém escutou e acabou respondendo: “do que você está falando? Tem gente que dorme na rua!”. Ela se sentiu afrontada de alguma forma, pois considerou que era uma represália pelo o que ela havia acabado de dizer.

Considera que o Bar do Nanam não é um lugar para sair com novas pessoas, pois não proporcionava muito conforto. Disse que a mulher se arruma toda para o “date” e de certa forma lugares assim atrapalham. Em determinado momento, perguntou se eu era “Bolsominion”. Ela estava reclamando sobre “bolsominions” antes e eu estava tentando compreender o raciocínio dela. Quando então me fez a pergunta. A amiga prontamente respondeu: “Claro que ela não é! Ela está pesquisando uma festa na rua que acontece na madrugada do centro do Rio!”.

Me explicou que me fez esta pergunta por que eu estava fazendo “uma cara muito estranha”. Em seguida me disse que parece não ter dado sorte por resolver ir ao Bar do Nanam naquele dia, pois estava pouco movimentado. Dei algumas informações sobre o Bar, me

perguntou se a música brasileira que tocava lá (em outros dias) era música de carnaval. Agradei, disse para elas aproveitarem a noite e elas saíram andando.

Esperei e observei.

Me aproximei de um menino e uma menina aparentemente muito jovens. Ele “enrolava um baseado”, assim como diversas pessoas por ali, e eu perguntei se era “de boa fumar por ali”. Ele disse que sim. De fato eram muito jovens, ambos tinham 18 anos. Disse que morava por perto e ia sempre ao Nanam, independente da atração musical. Insisti na pergunta e sugeri a presença de policiais (de fato estavam, na Rua Luís de Camões. Sempre chegam ao Bar do Nanam pelo mesmo lugar). Ele respondeu: “tem polícia aqui? Eu já vi eles passando, mas nunca tive problema não”. Tentei conversar com a menina, mas não foi muito amigável. Agradei e saí.

Fiquei observando o lugar na calçada, na lateral do prédio da agência da Caixa Econômica. Já estava cansada, então estava, literalmente, abraçada no poste. Meu namorado me acompanhava aquele dia e também se encostava no poste. Entre 3h e 3:30h, uma mulher se aproximou da gente e fez um gesto com as mãos como se estivesse procurando o enquadramento de uma fotografia. Ela se chama Marina. Disse que daria uma fotografia maravilhosa e registraria na cabeça. Sorri e me aproximei. Perguntei se costumava frequentar o lugar. Me contou que não ia há muito tempo, mas conhecia sim, só não concordava com o nome Baixo Tiradentes. Para ela, o correto era Beco das Putas e o melhor bar era o BDP, Bar das Putas. Disse que o BDP tinha uma promoção de cerveja para universitários e que ela, na época estudante do Colégio Pedro II, se aproveitava da promoção. Era para os universitários, mas ela se aproveitava.

Contou que em cima do Bar do Nanam funciona um puteiro cheio de desenhos e poesias riscados na parede. Afirmou, inclusive, que são ótimas poesias. Ela parecia ter um enorme afetividade pelo BDP.

Me contou que foi mãe há aproximadamente um ano e que estava tentando sair com seu filho, mas poucos lugares aceitavam crianças. Ela, então, resolveu frequentar espaços públicos. Ela estava acompanhada de amigos que no momento cuidavam de seu filho.



Um homem se aproximou. Ele se chama Heitor, era amigo de Marina. Fazia parte da banda Gangrena Gasosa, que fez um show de sucesso na região há alguns anos. Me contou que o lugar estava diferente, que as pessoas que frequentavam estavam diferentes. O público havia mudado. Marina então pediu para tirar a foto.

Enviou a foto por Whatsapp e disse que eu poderia procurá-la para continuarmos a conversa. Heitor disse a mesma coisa.

Perguntei pelo Instagram, mas ela não tem. Acha difícil entender o Instagram, pois lá as pessoas usam um nome que não é o delas.

Nos despedimos e os dois caminharam em direção ao Bar do Nanam.

Resolvi ir embora. Assim estava o Beco visto da Praça:



## Relatório 6 – Noite de 16/11/2018, madrugada de 17/11/2018

Cheguei ao Beco das Artes por volta de 12:30h. Sentei no Boteco da Praça, pedi uma cerveja e um hambúrguer. Enquanto estava no Boteco, observei o Bar ao lado, que se chama Bar Imperatriz: uma caixa de som do lado de fora, jovens sentados à mesa tomando cerveja. Assim como eu estava.

Em frente ao Bar do Nanam tocava charme. Era uma nova edição do Baile Shock, o mesmo evento que fez a Homenagem ao Mr. Catra em setembro. Mas de onde eu estava, escutava melhor a música do Bar Imperatriz. Me chamou a atenção a sequência de músicas de Raul Seixas tocadas, todas de muito sucesso. Depois desta sequência, o artista escolhido foi o grupo Raça Negra. Achei peculiar. Me disseram que antigamente tinha um bar com uma jukebox, acredito que ainda tenha e que o estabelecimento seja exatamente esse.

Fui até o Bar do Nanam. As pessoas já dançavam funk no meio da rua. Era a aglomeração que eu já esperava encontrar. Pessoas de todos os jeitos circulavam por ali.



Por volta de 2h da madrugada, várias pessoas começaram a chegar no Beco em grupos, muito animadas, como se já estivessem vindo de outro lugar. Por algum motivo achei que não era um movimento normal e resolvi ir até a Praça.

Era um grupo de artistas andando a perna-de-pau e tocando música brasileira do estilo “axé-anos 90” bem no meio da Praça Tiradentes. Surgiram frequentadores e vendedores ambulantes, não sei se acompanhando o cortejo durante seu trajeto ou se depois da festa já ter se instalado. Minha hipótese é de que era um ensaio pré-carnaval, talvez vindo da Lapa. Eu

tinha passado pelo local há aproximadamente 40 minutos (para verificar se algo de diferente acontecia) e a Praça estava como de costume: vazia no centro, com pequenos agrupamentos de pessoas nas extremidades, próximos aos estabelecimentos que promovem as festas noturnas.



Neste dia, também tentei realizar pequenas conversas por lá. Primeiro me aproximei de dois amigos que dançavam juntos. Era um homem e uma mulher. Ela por volta de 30 anos, ele por volta de 25. Ela é doutoranda em Psicologia na UERJ e disse que costuma frequentar o lugar com os colegas da universidade. Não costuma ver a programação para saber qual é atração do dia, mas diz que adora o lugar, gosta mesmo do ambiente. O homem não mora no Rio de Janeiro, é também universitário e estava apenas visitando sua amiga. Ao perguntar se sentiam livres naquele lugar, responderam prontamente que sim. Eles estavam muito animados e não paravam de dançar.

Tentei conversar com dois jovens meninos que se aproximavam do Beco. Os dois pareciam ter no máximo 21 anos. Dei boa noite e antes de terminar a primeira frase, um deles



respondeu: “estou embrazadão”. Eu falei então que talvez muita gente ali estivesse e ele concordou me entregando seu cartão de tatuador. Perguntei se estavam vindo de casa e ele disse: “não lembro nem a hora que eu saí de casa”.

Avistei uma menina sozinha. Ela estava na última vez que fui ao Nanam, mas acompanhada de alguns amigos, dançando e com pintura fluorescente no rosto. Me aproximei. Ela é francesa e está fazendo um intercâmbio na universidade. Disse que está sempre lá e que gosta do ambiente e da festa. Costuma ficar até tarde.

### **Entrevista com Thadeu, pesquisador vinculado ao Observatório da Prostituição IFCS/UFRJ**

A entrevista com Thadeu foi realizada por telefone no dia 8/12/2018. Entrei em contato com ele pela página do Observatório da Prostituição do Facebook dois antes e ele mesmo sugeriu que eu o entrevistasse. Achei que ele me daria algumas informações sobre a atividade da prostituição especificamente na esquina da Rua Imperatriz Leopoldina com a Rua Luís de Camões. Mas não foi o que aconteceu. Além de ter respondido a minha pergunta principal, passou muitas informações sobre as mudanças da cidade, assunto que era inevitável de surgir devido ao conteúdo da nossa conversa. A entrevista durou aproximadamente 1 hora e todas as informações e dados contidos neste texto foram mencionadas pelo próprio Thadeu, bem como todas as expressões utilizadas em referência ao trabalho da prostituição. Os assuntos são apresentados por ordem de aparecimento na conversa.

Iniciei a entrevista com Thadeu explicando o objeto da minha pesquisa: as sociabilidades no Beco das Artes. Assim que ouviu “Beco das Artes” me perguntou onde era esse lugar. Expliquei que era Imperatriz Leopoldina esquina com a Luís de Camões e prontamente me respondeu: “Pra gente ali é o Beco das Putas”.

Thadeu me informou que suas pesquisas acerca da prostituição no Rio de Janeiro foram iniciadas por volta de 2005/2006 juntamente com Ana Paula da Silva. Nesse período, segundo conversas com mulheres da própria região, descobriu que ali é a região mais antiga do Rio de Janeiro com a presença desta atividade.

Segundo ele, por volta do século XIX, era por ali que ficavam os maiores bordéis de escravos da cidade. Em determinado momento, a prática da prostituição com escravos foi

proibição e então muitos puteiros foram revelados. Os envolvidos na atividade, com o intuito de garantir sua continuidade, se envolveram ou se tornaram a favor do fim da escravidão.

Em relação à história mais recente da prostituição no Beco das Putas e arredores, destaca-se o nome de Gabriela Leite e a ONG Davida, criada e comandada pela própria. Por volta de 2004 e 2005, Gabriela promoveu no Beco das Putas o evento Mulheres Seresteiras. O fato é que estavam querendo dissipar a prostituição na região por conta de uma proposta ou intenção de revitalização cultural. Gabriela discordava, pois entendia que se as prostitutas faziam parte da cultura do lugar, elas deviam ser incluídas e não expulsas. Gabriela contratou uma professora de voz para as prostitutas e promoveu o evento Mulheres Seresteiras, onde as prostitutas cantavam acompanhadas de um grupo de Samba.

Outra ação de Gabriela e a ONG Davida foi a criação da Daspu, uma marca ou grife de roupas criada pelas prostitutas e para as próprias prostitutas. Foi promovido um evento para divulgar a marca que foi apoiado pelo Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, que Thadeu explica ter sido o primeiro grupo de artistas a apoiar a Daspu, criando ou emprestando Parangolés para as prostitutas desfilarem.

Por volta de 2008 e 2009, o QG de Davida se mudou para o Hotel Paris. Lá foi criado um centro de militância da prostituição cuja pauta incluía sua descriminalização. Era um foco controlado pelas próprias prostitutas, onde elas tinham poder ou comando sobre seu trabalho. Entretanto, em 2011 o Hotel foi ocupado pelo poder público que tratou de expulsar a Davida e as prostitutas. A justificativa era a de que o dono do Hotel estava devendo impostos, mas isso já fazia aproximadamente 20 anos. Então, por que agora? A compra ou a construção do novo Hotel proposto para o lugar nunca foi concretizada.

A partir deste ano, os hotéis ou motéis mais tradicionais da prostituição foram sendo fechados pelo governo Eduardo Paes. Os motivos eram daqueles conhecidos por não fecharem de fato estabelecimentos: “Ah acharam uma barata na cozinha! Ah por que não tem saída de emergência”.

Thadeu coloca alguns motivos que afetaram a prostituição daquela região do Centro: crise do Estado, tentativa de eliminar os puteiros da cidade (este foi o que mais afetou a Praça e arredores) e as obras voltadas para o acontecimento dos mega-eventos.

A crise afetou por que boa parte dos clientes da região eram funcionários do Estado. Se o clientes não recebem pagamento, eles também não pagam pelos programas.

Já as obras afetaram por que os canteiros tornaram o Centro um lugar difícil de transitar e ninguém queria mais ficar por lá. As pessoas iam trabalhar e logo voltavam para casa.

Thadeu apresentou a hipótese de que o governo de Eduardo Paes usou a mesma estratégia usada pelo governo de Nova York para acabar com a prostituição nas ruas: iluminação. De uma hora para a outra, somente as ruas com a presença desta atividade, como o Beco das Putas, ganharam luzes fortes. Em Nova York, esta estratégia funcionou por que lá a atividade é ilegal. No Rio de Janeiro, como a atividade é legal, as novas luzes acabaram agradando as prostitutas, que acharam um máximo a novidade no local de trabalho. O entrevistado diz ser notório que nos arredores da Praça Tiradentes, apenas o Beco das Putas tenha ganhado luzes brilhantes.

Em determinado momento, aponte que cada vez mais eu entendia que aquela rua funcionava em duas realidades distintas, já que de tarde o comércio funciona e é possível ver algumas prostitutas em frente ao Bar do Nanam. De noite tudo isso desaparece e o que é visto na madrugada, não é visto de dia.

Thadeu me explicou que isso não é por acaso. Como os clientes da região são trabalhadores e operários e estes precisam ir para a casa cedo, a procura por programas também acaba cedo. Os hotéis ou puteiros, antes de serem fechados, também não funcionavam até tarde, fechando por volta de 19:00h ou 20:00h.

As prostitutas do Beco das Putas não são as que trabalham por preços mais baixos. É possível encontrar preços de R\$100,00 ou R\$150,00, enquanto na Carioca há o caso de R\$10,00. O valor é possível por uma característica que nos levaria a concluir exatamente o contrário: as mulheres que trabalham por ali são mais velhas. Por isso, sabem se posicionar melhor e negociar, sabem como falar com os clientes. São mais experientes na profissão e lidam também com clientes mais velhos. Se elas tem 50 ou 60, seus clientes acabam tendo de 60 ou 70, explicou Thadeu, que ressalta mais uma vez que o Beco das Putas é um lugar frequentado mesmo por trabalhador, uma rua onde os clientes são trabalhadores.

A presença dos estudantes do IFCS no Beco das Putas não representa exatamente um processo de gentrificação. Isso por que a boemia carioca sempre foi muito tolerante e até mesmo interligada à prostituição. Thadeu apontou diversas vezes para o fato de a cidade do Rio de Janeiro aceitar bem ou tolerar esta atividade. O Café Colombo, por exemplo, caracterizado por um público de Elite, depois de determinado horário era frequentado por prostitutas. Isso também ocorre em outros lugares.

Thadeu conta então uma história de sua companheira e diz que é uma pena ela não estar presente naquele momento. Ele conta que ela foi aluna do IFCS e frequentava o Beco das Putas juntamente com sua turma. Os universitários começaram a ir até os puteiros da região e cantavam, recitavam poesia, desenhavam e escreviam nas paredes. As prostitutas adoravam, mas a presença deles assustava os clientes. Então a dona do puteiro ia até o IFCS conversar com a coordenação, que precisava pedir para os estudantes sossegarem ou não irem até lá.

Isso ocorria por que a dominância do espaço era das prostitutas e hoje é o oposto. O equilíbrio mudou, mas a prostituição é ainda presente na boemia carioca. A partir de 2005, com a presença de Davida e Gabriela, a prostitutas da região se tornaram muito fortalecidas.

O movimento do Beco decaiu mesmo a partir da expulsão da ONG Davida do Hotel Paris. Mas Thadeu acredita que isso não teria acontecido se Gabriela Leite não tivesse falecido. Gabriela treinava outras mulheres para comandarem a ONG e o movimento, mas as duas mais capacitadas acabaram também falecendo.

Gabriela tinha outros planos para dar continuidade à ONG mesmo após a expulsão. Em 2012 se candidatou a Deputada Estadual e acabou não se elegendo. Pouco tempo depois descobriu que estava com um câncer e faleceu cerca de um anos depois.

Ela trabalhava na aprovação de uma lei que hoje porta seu nome: Lei Gabriela Leite. Algumas feministas radicais eram contra, pois achavam que a lei legitimava a exploração de mulheres. Entretanto, Thadeu explica que a lei se propunha a diminuir o teto da mais valia dos puteiros (que hoje é mais de 50%) e a garantir direitos trabalhistas para as prostitutas. Os cafetões odeiam a lei, pois diminui a possibilidade de extorquir as mulheres.

Hoje o Observatório da Prostituição tem a responsabilidade de dar continuidade ao trabalho de fortalecimento das prostitutas.

Thadeu afirma que nunca viu a prostituição de uma parte do Rio acabar de vez, ela apenas muda de lugar. Do Mangue surgiu a Vila Mimosa, por exemplo. A higienização diminui a prostituição em uma área e esta continua existindo em outra.

O entrevistado então faz alusão a uma frase de Roberto da Matta que afirma que o Brasil não passa por etapas históricas, ele coleciona etapas históricas. Diz então que com a prostituição acontece o mesmo.

Em cima do Bar do Nanam funcionava um puteiro e era neste lugar que Gabriela desejava instalar um espaço de segurança para as prostitutas, mas não chegou a conseguir.

Na Rua Luís de Camões funcionavam dois ou três puteiros, todos fechados. Na Praça havia dois, mas apenas um deles ainda está aberto. Dos hotéis mais próximos, dois estão fechados e um em corda bamba. E de quatro fechados pela Praça, um reabriu.

Com a retirada das grades da Praça Tiradentes (em 2011), a Praça começou a ser um foco de prostituição, mas as prostitutas foram rapidamente impedidas de ficarem por lá.

Na Carioca havia quatro estabelecimentos relacionados á atividade e apenas um deles sobrevive. Thadeu afirma que o poder público está diretamente envolvido no fechamento de pelo menos seis estabelecimentos: o Hotel Paris, outros com endereço na Sete de Setembro e Carioca (ou próximos a estas ruas).

Um dos puteiros mais degradados que ele já viu, entretanto, está ainda em funcionamento na Rua da Carioca.

No auge da prostituição na Praça Tiradentes e arredores eram aproximadamente 11 estabelecimentos ligados à atividade e 140 mulheres trabalhando. Hoje talvez haja 70 ou 40 mulheres, mas não há como precisar quantas pessoas ainda permanecem trabalhando por lá.

Neste momento da entrevista a ligação caiu. Descobri que meus créditos do celular tinham acabado. Então só me restava enviar mensagem pelo Facebook, o outro único canal de comunicação possível.

Diante de tantas informações, considerei ser coerente não prosseguir com a entrevista no momento.

### **Entrevista com o Nanam**

Entrevista realizada presencialmente, ao lado do carrinho de caipirinha da Edna, aproximadamente à meia noite.

Iniciei a entrevista com Nanam perguntando o motivo de ele ter dado início àquele movimento. Me disse que ele tinha dois motivos: o principal era o dinheiro e o outro era a necessidade de revitalizar o lugar.

Não deu muitas informações sobre o que ele percebia anteriormente no lugar, apenas que havia certa hostilidade no ambiente e que não era um espaço bem aproveitado. Citou a presença de prostitutas e travestis no local e disse que a falta de atrativos não incentivava a ida de novos frequentadores.

Ele disse que sempre pensou em fazer algo diferente por ali com o intuito de revitalizar a rua. Quando, então, um homem apareceu pedindo permissão para utilizar o espaço próximo ao bar dele para fazer um som, respondeu que ali era o lugar perfeito. Não lembro de ter dito se o som aconteceu ou não, mas que o homem não havia o procurado mais.

Dois anos depois apareceu outra pessoa interessada também em promover um evento parecido e ele novamente topou. Desde esta época então que os eventos na esquina da Imperatriz Leopoldina com a Luís de Camões são promovidos.

Com o tempo, os eventos foram ganhando visibilidade e atraindo novos frequentadores, deixando o lugar sempre cheio e movimentado. Nanam parece se orgulhar de ver como o movimento cresceu e diz que acha uma maravilha ver as pessoas na rua e se disponibilizando em ocupar aquele espaço.

Uma vez uma jornalista o perguntou se o lugar voltaria a ser como antes. Ele considera que não, pois hoje o lugar tem uma energia boa. Sugere que quando as pessoas vêem uma transformação positiva, com “uma energia boa”, não gostariam então que voltasse a ser como antes.

Em nenhum momento Nanam falou que o local era perigoso ou violento, mas deixou transparecer certa hostilidade. Também não relacionou claramente essa característica às prostitutas que trabalhavam no local, apenas deixou claro que a mudança foi para melhor.

Contou que as vezes conversa com as prostitutas que ficam em frente a seu Bar durante a tarde e me explicou que algumas tem filhos. As vezes observa que elas estão com sacolas de compra do mercado, saem do trabalho e vão comprar o que precisam. Não pareceu criminalizar a profissão e disse que a falta de oportunidade é o principal fator que faz as mulheres procurarem esta atividade.

Ao ser perguntado o que aconteceu com a prostituição da rua, apontou para o lado da rua com a maior concentração de estabelecimentos relacionados à profissão e disse que haviam fechado. Inicialmente, apenas um encerrou suas atividades, depois todos foram fechando. Disse

algo parecido com: “quando fecha um, fecham todos”. Confirmou a informação de que em cima do seu bar havia um puteiro e que a própria dona acabou fechando. Hoje ele não funciona mais.

Em nenhum momento Nanam relacionou a revitalização da Praça Tiradentes com a diminuição da prostituição do lugar. Mas em determinado momento, afirmou que os jovens que frequentam o Beco não tem o perfil da clientela das prostitutas que por ali trabalham ou até mesmo não tem o perfil e de se interessar por esse tipo de serviço.

Me contou que já houve tentativas de impedir que as festas acontecessem. O Lapa Presente já tentou interferir no acontecimento dos eventos e um morador que reclama com o síndico e diz que vai chamar a polícia. O síndico inicialmente era a favor.

Quando a polícia chegava ao lugar, Nanam diz que só respondia: “eu só estou tentando revitalizar o lugar”.

Nanam me contou que a polícia não interfere de fato no lugar ao presenciar o consumo de drogas por que não é um lugar caracterizado por violência e que sempre foi assim. As drogas não eram uma novidade que chegou com as festas. Nanam sugeriu que há um bom relacionamento com a polícia.

Quando perguntei sobre a diferença de público da Lapa, Nanam disse que os frequentadores do Beco são os cariocas em sua maioria, enquanto a Lapa há uma presença significativa de turistas.

Sobre o público, falei que já havia observado a presença de casais homossexuais no lugar e que não havia uma preocupação ou hostilidade aparente. Nanam respondeu que é para ser assim e acha que quem tem defeito é quem é preconceituoso. Me contou que as vezes aparece alguém que tem atitudes ruins e que isso acaba sendo inevitável, já que é um lugar aberto.

Quando mencionei o Tiradentes Cultural, Nanam não conhecia de nome, e falou: “se eu não conheço, com certeza eles me conhecem”. Depois lembrou de uma festa que acontece todo mês e que acha aquilo uma maravilha. Contou que em determinada época os arredores da Praça eram mais movimentados, tinha mais festas, mas hoje está diferente. Mencionei o fechamento da Estudantina e ele falou sobre o fechamento do Centro Cultural Ruínas.

Contou que a crise afetou o público e os próprios eventos. Muita gente ia procura-lo com propostas diferentes para o lugar, mas hoje são as mesmas festas que acontecem

continuamente. O próprio Rodrigo Cavalcanti estava sempre elaborando coisas diferentes, mas a crise prejudicou.

O movimento do Beco aumentou de uma hora para a outra. Nanam então agradeceu cordialmente pela conversa e se dirigiu ao Bar.



## **ANEXOS**

### **Anexo 1 – Autorização de divulgação**